

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

ROSA MARIA SERRA BAVARESCO

**O DISCURSO SOBRE O VOLUNTARIADO
NA UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**

São Leopoldo

2003

Dissertação de Mestrado apresentada por BAVARESCO, Rosa Maria Serra ao Programa de Pós-Graduação em CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS.

Orientadora: Dr^a. Jacqueline Oliveira Silva

São Leopoldo

2003

ROSA MARIA SERRA BAVARESCO

**O DISCURSO SOBRE O VOLUNTARIADO
NA UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS -UNISINOS**

Dissertação de Mestrado Ciências Sociais Aplicadas
Para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
Centro de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas
Linha de Pesquisa: Políticas e Práticas Sociais
Orientadora: Dra. Jacqueline Oliveira da Silva

São Leopoldo

2003

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Jacqueline Oliveira Silva – UNISINOS

Prof. Dr. Egon Roque Fröhlich – UNISINOS

Prof. Dr. José Rogério Lopes - UNITAU

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, Manoel e Alice, pelo esforço,
tenacidade e exemplo ao longo de minha vida,
às minhas filhas, Andréa e Caren, pelo
incentivo e carinho e à minha irmã, Liane,
pelo estímulo e apoio.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Dra. Jacqueline Oliveira da Silva, pela presença competente e profissional ao longo dessa caminhada.

À Mardilê Friedrich Fabre e Márcia de Brito pelo apoio, paciência e carinho com que me ajudaram para que esse objetivo fosse alcançado.

Ao José da Fonseca Lara, à Àgueda Bichels e à Rejane Machado da Silva pela compreensão e estímulo.

Ao Ir. Vanderlei Backes S.J. pela colaboração e disponibilidade.

Aos colegas mestrandos pelo incentivo, amizade e partilha e incertos.

À UNISINOS por possibilitar a concretização desse sonho.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. O texto busca, a partir das teorias da ação, entender as relações que se estabelecem entre sujeito e subjetividade, assim como as implicações para um agir solidário. Documentos e revistas são utilizadas na pesquisa com o intuito de elucidar a questão proposta. A pesquisa apontou para a pluralidade de posicionamentos nos discursos, decorrência natural que caracteriza uma Universidade. A partir da análise realizada, extraímos proposições, objetivando a construção de um entendimento que seja representativo para a comunidade da UNISINOS sobre o voluntariado.

Palavras-chaves: ação, sujeito, subjetividade, solidariedade, voluntariado.

ABSTRACT

This study aimed at presenting the discourse concerning voluntarism in the University do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. The text searches from the theories of action, to understand the relations that are established between subject and subjectivity as well as the implications for a solidary action. Documents and interviews were used in the research aiming at clarifying the study question. The study indicated to a plurality of orientations in the discourses, a natural result that characterizes a University. Starting from the carried out analysis we elaborated propositions with the goal to build an understanding about voluntarism.

Key- words: action, subject, subjectivity, solidarity, voluntarism.

Pensar, falar, sentir, perceber, dar um destino às mãos liberadas do quase exclusivo apoio ao corpo para mover-se, inteligir e comunicar o inteligido; comparar, valorar, avaliar, optar, romper, decidir, apreender, aprender, ensinar, poder fazer ou não coisas, idear, viver socialmente, tudo isto sublinhou no ser que disto se tornou capaz, a importância indiscutível de sua consciência.

Paulo Freire

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CONTEXTUALIZANDO O VOLUNTARIADO	15
1.1 A Realidade Social e a Solidariedade	16
1.2 A Universidade: da Responsabilidade Social à Solidariedade, um Compromisso com a Sociedade	23
2 SUJEITO E AÇÃO NO VOLUNTARIADO	38
2.1 Sujeito, Ação e Solidariedade / Voluntariado	39
2.2 O Sujeito: Relação Discurso–Ação	45
2.3 Ação Solidária: Compromisso Político	54
2.4 Espaço Público: Confluência do Individual e do Coletivo	56
3 O VOLUNTARIADO: DA COMPANHIA DE JESUS À UNISINOS	59
3.1 Ação Social a Serviço da Fé: a Orientação da Companhia de Jesus	60
3.2 Voluntariado: os Caminhos do Tema na UNISINOS	67
3.3 Extensão Universitária: o lugar do Voluntariado	75
4 VOLUNTARIADO NA UNISINOS: OS DISCURSOS	99
4.1 Concepções, percepções e posições sobre o voluntariado	101
4.2 Motivos, incentivos e compromissos para o exercício do voluntariado	106
4.3 Voluntariado: substituição do trabalho ou ação política?	111
4.4 Orientação institucional e compromisso da UNISINOS com relação ao	

	11
voluntariado	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136

INTRODUÇÃO

A solidariedade é o modo fundamental de desenvolvimento do potencial humano.

Humberto Mariotti (2000, p.271)

Esta dissertação faz parte do Programa de Estudo sobre o Trabalho Voluntário¹, vinculado ao Laboratório de Pesquisa sobre Políticas Públicas e Terceiro Setor da Linha de Pesquisa Políticas e Práticas Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas.

O estudo foi estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, fizemos uma breve contextualização do voluntariado, segundo uma linha de tempo, associando questões econômicas, sociais, políticas e antropológicas. Também, é abordada a metodologia utilizada, qual seja, a da pesquisa qualitativa. São discriminados o método empregado – estudo de caso, o modelo – análise de discurso, a questão de pesquisa e os objetivos – geral e específico.

¹O programa compõe-se de outros quatro projetos de pesquisa que objetivam desenvolver o tema “Voluntariado”, a saber: a) Voluntariado: motivações e evasão; b) Motivações e Práticas Voluntárias na UNISINOS: resgate da condição humana ou neo-individualismo?; c) Voluntariado religioso e suas práticas de solidariedade; d) Ação Social para a construção do Instituto da Criança com Diabetes RS (ICD).

No segundo capítulo, buscamos uma compreensão para a dimensão da pessoa humana, como sujeito, e da ação, como mediadora na relação com os demais seres humanos e com o mundo. Isso significou recorrer para as referências bibliográficas, a autores que se debruçaram em estudos sobre o sujeito e o significado da ação como manifestação do ser humano que, ao mesmo tempo, é singular e plural. Assim, categorias como subjetividade, vontade, liberdade, consciência, discurso, solidariedade, espaço público, política e trabalho são realçados com a finalidade de auxiliar a entender o ser humano em sua unicidade. Fomos procurar, nas teorias da ação, a explicação para nossos questionamentos e centralizamos em Hannah Arendt a nossa discussão. Os demais autores que utilizamos reforçam e/ou elucidam as questões relacionadas ao ser, desde o seu pensamento, até a manifestação de sua vontade no mundo das aparências, constituindo-se em contribuição para expandir a abordagem filosófica e política dada por Arendt.

O terceiro capítulo, seguindo a opção metodológica escolhida, apresenta as publicações e os programas, projetos e serviços – fontes documentais, que expressam as orientações e o entendimento da Companhia de Jesus e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, referentes às categorias: experiência, ação, solidariedade, caridade, subsidiaridade e solidariedade inteligente.

As entrevistas são analisadas no quarto capítulo. Elas são a manifestação oral do discurso sobre o voluntariado na UNISINOS, considerando os lugares e espaços ocupados pelos sujeitos – os entrevistados, em diferentes segmentos da estrutura institucional. Por meio das entrevistas, é possível proceder a uma análise comparativa das fontes documentadas,

embasada nas teorias, com o intuito de elucidar o entendimento que gestores da alta administração, coordenadores de ações comunitárias e coordenadores dos cursos de graduação, cujas áreas de conhecimento estão presentes nos programas, projetos e serviços, têm sobre o voluntariado.

Nas considerações finais, tendo como fundamento o nexo existente, tanto no interior de cada capítulo como entre os mesmos, realizamos uma reflexão com a finalidade de fazer emergir constatações e proposições referentes à pesquisa realizada.

1 CONTEXTUALIZANDO O VOLUNTARIADO

Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares, e assim apresentam-se ao mundo humano, enquanto suas identidades físicas são reveladas, sem qualquer atividade própria, na conformação singular do corpo e no som singular da voz.

Hannah Arendt (2001, p.192)

O tema voluntariado, atualmente, está presente, tanto em discursos como em ações, estimulado para o exercício da solidariedade, pelo trabalho voluntário.

Etimologicamente, a palavra voluntariado (voluntaria + ado)², ao longo da história, teve significados diferentes, de acordo com o momento e as circunstâncias, os anseios e os objetivos que influenciaram e/ou impulsionaram o agir do ser humano e seus respectivos grupos sociais.

Exemplo secular desta prática foi exercida pela Igreja Católica, inicialmente, por meio das ordens ou congregações religiosas e pela Igreja Evangélica de confissão luterana, que se dedicaram tanto aos pobres como aos enfermos nos hospitais, ou às crianças em obras voltadas para a educação. O caráter desta atividade estava assentado na caridade, ou seja, no sentimento de compaixão que levava esses religiosos, principalmente, ao total despreendimento de si e das coisas materiais para ajudarem aqueles que não tinham acesso a melhores condições de vida, os quais, em uma terminologia atual, se constituiriam nos excluídos. Já observamos, então, uma despreocupação, quer por parte das autoridades, quer por parte da sociedade, com esta parcela da população. Isso não as preocupava, pois era mais

² HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Melo. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 2001. p.2881.

fácil fazer doações aos religiosos do que buscar soluções estruturais. Outras instituições da sociedade civil como a Cruz Vermelha Internacional e, mais recentemente, algumas Organizações Não-Governamentais – ONGs, dão-nos mostras concretas desse serviço, de seu comprometimento com a sociedade para que ela seja mais equânime, justa e solidária. As ONGs, no dizer de Vieira (2000, p.119), “tendem a fortalecer a autonomia e a capacidade das organizações da sociedade civil em todo o mundo. Elas estão enfrentando o enorme desafio de levar os problemas do âmbito local ao global e vice-versa”.

1.1 A Realidade Social e a Solidariedade

A realidade, que hoje se nos apresenta, traz o antagonismo por característica: se o desenvolvimento científico e tecnológico disponibilizou ao ser humano inúmeros benefícios, também foi capaz de levá-lo a ter que se defrontar com o abismo gerado entre aqueles que podem usufruir desses benefícios e aqueles que somente contribuem com sua força de produção ou, simplesmente, sofrem o impacto da exclusão numa relação iminentemente perversa e aviltante à dignidade humana.

Por sua vez, o trabalho voluntário, para nós, está alicerçado, conforme a posição de Richard Rorty, apud Assmann e Mo Sung (2001, p. 44), sobre a solidariedade:

Mas tal solidariedade não é pensada como sendo o reconhecimento de um eu central da essência humana em todos os seres humanos. É antes pensada como sendo a capacidade de ver cada vez mais diferenças tradicionais (de tribo, religião, raça, costumes, etc.) como não importantes, em comparação com semelhanças no que respeita à dor e à humilhação – a capacidade de pensar em pessoas muito diferentes de nós como estando incluídas na esfera do “nós”.

Encontramos em Marx/ Engels (1996, p.39):

... que o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto de toda a história, é que os homens devem estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais.

A esse pressuposto estão associadas outras propostas da vida em sociedade, daí decorrendo as implicações políticas e econômicas, e a geração do conhecimento, tanto de si como do mundo que rodeia o ser humano com suas implicações. Para satisfazer as suas necessidades básicas, ele, desde logo, tomou consciência de que, sozinho, não teria condições de supri-las, quer porque a tarefa era por demais árdua, quer porque necessitava de conhecimentos que outros homens detinham, quer porque verificava a necessidade de resolver a questão da possibilidade de cada um usufruir dos recursos naturais, pois esses são limitados.

Tomando por base o período que antecede à formação do estado moderno, verificamos que a solução, na época, era a da formação do feudo, uma propriedade rural, de grandes extensões, que supria as necessidades humanas de subsistência. A figura do senhor feudal, proprietário da gleba e a quem os vassallos estavam subordinados, definia um tipo de economia e de uma organização social estamentada, na qual estava presente a exclusão, bem como a contradição de interesses entre aquele que detém o poder, representado pelo dono da terra e possuidor do dinheiro, e aqueles que têm a força de trabalho.

Com o surgimento dos artesãos nas cercanias do feudo, temos a inclusão de um elemento fundamental no contexto. Com eles surge o desenvolvimento do comércio, uma nova atividade econômica que não se subordinava diretamente ao senhor feudal, portanto, dotada de certa autonomia, originando um novo grupo social.

Com o término do período feudal, o surgimento do Estado Moderno, a geração do conhecimento adquirido, o aumento da população e a exigência de que mais necessidades fossem atendidas, aparecem novas formas de produção. Os meios de produção deixam de ser individuais e passam a ser coletivos, o que leva a uma economia dos meios de produção, fazendo com que o custo final fique mais reduzido.

As outras formas que advieram, ou seja, a da divisão do trabalho, quer no sistema manufatureiro, quer no sistema industrial, aliadas ao distanciamento entre cidade e campo, ocasionaram um fosso social ainda maior. Sem escolas que lhe pudessem propiciar conhecimento a fim de entender e analisar o que estava acontecendo, a população é facilmente dominada. O que lhe resta é buscar apoio em si. Esse estágio de consciência, numa sociedade marcada pela divisão do trabalho, gera um tipo de solidariedade que Durkheim denominou de "orgânica"³.

Entretanto não podemos esquecer que, mesmo vivendo em condições tão adversas, a pessoa humana, por ser dotada de consciência, na sua contínua busca do vir-a-ser, procura, em seu grupo social, as formas gregárias e de ajuda para superar as distorções impostas pela classe dominante, pelo pouco valor que lhe dá, o que se traduz pela injustiça e pelo desrespeito à sua dignidade.

Em Marx [s.d.], p.405, encontramos:

Hemos visto como la gran industria viene a abolir técnicamente la división manufacturera del trabajo, lo que supone anexionar de por vida a un hombre a una operación detallista, al paso que la forma capitalista de la gran industria

³ RODRIGUES, José Albertino. *Emile Durkheim*. Editora: Ática, [s.d.] p. 83

reproduce en proporciones todavía más monstruosas aquella división del trabajo; en la verdadera fábrica, al convertir al obrero en accesorio con conciencia propia de una máquina parcial y en los demás sitios mediante el empleo esporádico de máquinas y de trabajo mecánico, y mediante la aplicación del trabajo de la mujer y del niño y del trabajo inexperto como nueva base de la división del trabajo

Em Marx e Engels, 1996, p.52, temos: "A forma de intercâmbio, condicionada pelas forças de produção existentes em todas as fases históricas anteriores e que, por sua vez, as condiciona, é a sociedade civil...". Há que ser considerado um elemento fundamental que subjaz a toda ação dos grupos sociais pertencentes à determinada sociedade, que é a cultura. É a partir dela que vão ser estabelecidas as formas pelas quais um grupo social estabelece as normas e define os parâmetros de sua consciência. Isso ocorre, porque, "o conceito de cultura é um conceito de valor."(Weber, 1993, p.127) Como valor, ela distingue, singulariza as ações dos sujeitos de determinado grupo social. A cultura vai expressar-se por meio das estruturas sócio-político-econômicas, dos costumes, das artes, da língua e dos valores morais, os quais dão o real significado a um grupo social. E isso tudo ocorre pelo fato de "... sermos homens de cultura, dotados de capacidade e da vontade de assumirmos uma posição consciente em face do mundo e de lhe confirmar um sentido" (Weber, 1993, p. 131). Por outro lado, "a cultura é, no seu princípio, a fonte geradora / regeneradora da complexidade das sociedades humanas", segundo Morin (2002, p.166).

Como seres de cultura, construímos conhecimento da e para a realidade social em que estamos inseridos. As repercussões se darão nos diferentes segmentos da sociedade, podendo gerar situações de desacomodação frente a uma nova realidade.

Ao iniciarmos o século XXI, defrontamo-nos com uma transformação nas relações de trabalho em decorrência do desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Paralelamente, o acúmulo de capital que se solidificou nas empresas transnacionais consolidou uma matriz que tem o mercado como fim último. Elas definem os rumos da economia, e os países do hemisfério norte, onde elas estão sediadas, subjugam os países sediados ao sul do Equador. O mercado passou, então, a ser o "senhor absoluto" desta era que considera, tão somente, aqueles que têm condições de pertencerem a este mundo, seletivo e reduzido, por possuírem o requisito básico e essencial: ter condições de adquirir mercadorias.

A consequência imediata da teoria econômica que embasa o neoliberalismo e alicerça o capitalismo foi a da exclusão. As transformações provocadas pela tecnologia na cadeia produtiva fez com que houvesse uma nova reordenação nas relações de trabalho. Os equipamentos cada vez mais sofisticados ocuparam espaços que, até então, eram locais de trabalho de uma pessoa. A relação trabalho-emprego sofre um grande impacto. A oferta de mão-de-obra, sendo muito grande, principalmente nos países denominados "em desenvolvimento", "subdesenvolvidos", "emergentes" ou "periféricos", ocasionou um aviltamento não só das condições de trabalho, mas também da remuneração salarial.

As transnacionais localizam suas fábricas nos locais onde tenham mais vantagens econômico-financeiras. Governos, para atraí-las, oferecem-lhes inúmeros benefícios, o que onera, ainda mais, a economia já debilitada desses países. Tais empresas não estão comprometidas com o desenvolvimento dessas comunidades e, tampouco, com a repercussão dos desastrosos efeitos sociais que essa política acarreta. Se suas exigências não são satisfeitas, deslocam-se para outro local que atenda a seus interesses. Isso acaba gerando desemprego em massa e um agravamento da crise social.

Sampaio Jr. afirma:

O colapso da ordem liberal inviabilizou o funcionamento especializado das economias periféricas, à medida que deu lugar a uma conjuntura marcada pela drástica deterioração na demanda mundial de produtos primários; fomentou uma onda protecionista que abalou o dinamismo do sistema monetário e financeiro; reverteu o sentido dos fluxos financeiros, provocando grandes transferências de capital da periferia para o centro; e generalizou o comércio bilateral.⁴

Em Castells, temos uma visão clara e objetiva da realidade:

A globalização e a informacionalização, determinadas pelas redes de riqueza, tecnologia e poder, estão transformando nosso mundo, possibilitando a melhoria de nossa capacidade produtiva, criatividade cultural e potencial de comunicação.

...
 À exceção de uma elite reduzida de globopolitanos (meio seres humanos, meio fluxos) as pessoas em todo o mundo se ressentem da perda do controle sobre suas próprias vidas, seu meio, seus empregos, suas economias, seus governos, seus países e, em última análise, sobre o destino do planeta.⁵

Todavia, assistimos a uma série de movimentos sociais que buscam uma nova ordem, realizar a ruptura do que é considerado como consolidado, com o intuito de objetivar o bem comum. Como afirma Castells

segundo uma lei da evolução social, a resistência enfrenta a dominação, a delegação de poderes reage contra a falta de poder, e projetos alternativos contestam a lógica inerente à nova ordem global, cada vez mais percebida pelas pessoas de todo o Planeta como se fosse desordem⁶.

Inúmeros grupos sociais, em distintos lugares, alimentam, continuamente, esses movimentos. Eles lutam para que se estabeleça uma sociedade justa, que opte pela inclusão, e não pela exclusão, com uma ética de respeito à individualidade das diferentes culturas. Mas,

⁴ SAMPAIO JR., Plinio de Arruda. *Entre a Nação e a Barbárie: Os Dilemas do Capitalismo Dependente*. 1999, p. 190.

⁵ CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. 1999, p. 93.

⁶Idem, p.94.

para que isso seja possível, há que se desenvolver uma consciência solidária. Entretanto, "o desafio, no dizer de Assmann e Mo Sung, é manter essa tensão entre os desejos que nascem da sensibilidade solidária e o realismo que reconhece a necessidade das institucionalizações e assim buscar soluções efetivas e viáveis também no campo macrossocial" (2000, p.141).

Outro aspecto que cabe ressaltar é o do exercício da cidadania. Em seu processo histórico, a sociedade, em suas lutas de transformação do tecido social, foi realizando conquistas. Primeiramente, foram os chamados direitos de primeira geração - direitos civis e políticos. Por meio dos movimentos da classe operária e dos sindicatos do século XX, chegamos aos direitos sociais. Ainda, na segunda metade do século XX, assistimos ao surgimento dos direitos de terceira geração - direitos difusos que se caracterizam por ter como titularidade não mais o indivíduo, mas grupos humanos. Nessa evolução, iniciamos o século XXI, buscando assegurar direitos que dizem respeito à bioética, especificamente na área de conhecimento e da engenharia genética. Colocando essas conquistas numa linha de tempo, percebemos que, tanto sociedades como grupos sociais, em diferentes pontos do Planeta, lutam por (re)conquistar os direitos de primeira ou segunda geração.

Neste cenário, de contradições e inquietudes, situa-se a universidade, que não pode ou não deve se afastar de seu caráter universal e universalizador; é a instituição milenar guardiã dos conhecimentos gerados pela humanidade; é espaço aberto à discussão crítica dos problemas que afligem à sociedade; no desempenho de sua função social, contribui com a análise e propositura de alternativas, com base científica, para as questões sócio-político-econômicas presentes.

1.2 A Universidade: da Responsabilidade Social à Solidariedade, um Compromisso com a Sociedade

À universidade não coube somente a função de guardião. A sua responsabilidade primeira e compromisso social foi transmitir conhecimentos e de gerar novos, colocando-se a serviço da sociedade. É-lhe intrínseco assegurar uma formação aos acadêmicos que lhes possibilite uma participação ativa na sociedade, quer como profissionais, quer como pessoas humanas.

No conjunto dessas instituições, encontramos aquelas que são pertencentes à Companhia de Jesus, as quais agregam ao substantivo universidade o adjetivo “jesuíta”, tendo em sua missão “o serviço da fé e a promoção da justiça”, seu grande mote, mas também seu grande desafio.

Kolvenbach entende universidade como sendo: “... o lugar onde se ventilam questões fundamentais que tocam a pessoa e a comunidade humana no plano da economia, da política, da cultura, da ciência, da teologia, da busca de sentido.”⁷

Mais ainda:

A universidade deve ser portadora de valores humanos e éticos, ser consciência crítica da sociedade, deve iluminar, com sua reflexão, a quantos enfrentam a problemática da sociedade moderna ou pós-moderna, deve ser o crisol onde se debatem, com profundidade, as diversas tendências do pensamento humano

⁷ KOLVENBACH, Pe. Peter Hans. *O Serviço da fé e a Promoção da Justiça na Educação Superior Inaciana*. 2001, p.44.

e se propõem soluções.

(...)

As universidades compete um papel insubstituível na análise crítica da globalização, com suas conotações positivas e negativas, para orientar o pensamento e a ação da sociedade.⁸

A partir dessa concepção de universidade e diante de sua missão, a Companhia de Jesus tem uma posição muito clara, como instituição responsável pela formação de pessoas, dos objetivos a serem perseguidos junto ao corpo discente. Nesse sentido, Kolvenbach afirma: “O que nossos alunos precisam e merecem inclui esse ‘sucesso mundano’ baseado nas habilidades do mercado, mas vai além disso. O critério real de nossas universidades jesuíticas consiste no que nossos alunos se tornam.”⁹ Ele vai além ao enfatizar: “A ‘pessoa toda’ de amanhã não chega a ser ‘completa’ sem uma consciência formada de sociedade e de cultura para contribuir generosamente no mundo real, tal qual ele existe. A ‘pessoa completa’ de amanhã deverá ser, numa palavra, bem educada na solidariedade.”¹⁰

Com relação aos objetivos da educação superior para a Companhia de Jesus, Kolvenbach, aludindo a Ledesma, diz que hoje ela se expressa assim: “... a educação jesuítica é eminentemente prática e pretende proporcionar aos estudantes o conhecimento e as destrezas necessárias para que sobressaiam em qualquer campo que escolham.”¹¹ E que

... a educação jesuíta não é meramente prática, mas diz respeito à questão dos valores, educando homens e mulheres para que cheguem a ser bons cidadãos e bons dirigentes, preocupados com o bem comum e capazes de colocar sua educação a serviço da fé e da promoção da justiça.¹²

A ênfase dada ao social é uma constante nos documentos da Companhia de

⁸ Idem, p. 44-5.

⁹ Ibidem, p. 24

¹⁰ Ibidem, p. 25.

¹¹ Ibidem, p. 37-8.

¹² Ibidem, p. 38.

Jesus, em diferentes segmentos e espaços geográficos, denotando ser este o ponto para o qual devem convergir os esforços das ações a serem desencadeadas.

No Plano Estratégico da Associação das Universidades Jesuítas da América Latina – AUSJAL, 2001-2003, p. 20, lemos:

La capacidad de asumir responsablemente su país y la realidad que le rodea y el compromiso de conciencia para transformarla de menos humana a más humana, es una meta común para los integrantes de la comunidad universitaria. No se trata de ideas sobre valores, sino del compromiso con las personas en sociedades concretas generadoras de miseria y de exclusión.

Em outro momento, encontramos (p. 21):

Pero además el profesional que egresa de nuestras universidades debe asumir lo público y entender que el ordenamiento político – incluyendo el medio ambiente, las instituciones y la solidaridad – son indispensables para que los individuos se realicen y construyan su vida.

Esse pronunciamento enfatiza o terceiro aspecto que consideramos como sendo um dos preponderantes na orientação da Companhia de Jesus às instituições de ensino superior – a política. É no espaço público, ou seja, na sociedade que os egressos devem, por meio de uma ação solidária, apresentar soluções que possibilitem a ocorrência das transformações sociais necessárias. Daí, decorre que egressos das universidades jesuítas devem ser pessoas humanas competentes, políticas e voltadas ao bem comum.

Para que os alunos das instituições jesuíticas possam se construir sujeitos solidários, críticos e comprometidos com o seu tempo, surge a necessidade de que as instituições estejam organizadas acadêmica e administrativamente para que o objetivo seja alcançado.

Diante disso, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS estruturou-se em Reitoria e quatro Pró-Reitorias, entre as quais a Pró-Reitoria Comunitária e de Extensão.

Por meio da Extensão, a UNISINOS entra em contato com a comunidade, disponibilizando cursos, eventos culturais e ações comunitárias. Nessas, por meio de programas, projetos e serviços ocorre a inserção junto à comunidade local, onde são registradas as maiores dificuldades sócioeconômicas.

Por outro lado, uma pesquisa¹³ de um segmento da comunidade da UNISINOS, pela participação em diferentes instituições, verificou uma tendência ao exercício do voluntariado.

Qual é o discurso da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS sobre o voluntariado? Esta é a nossa questão de pesquisa.

O objetivo geral desta pesquisa é estabelecer a relação existente entre os documentos que norteiam o discurso da UNISINOS, quanto ao voluntariado, e o de seus interlocutores em três segmentos específicos da instituição, quais sejam, Gestores da Administração Superior – GAS, Coordenadores de Ações Comunitárias – CAC e Coordenadores de Cursos de Graduação – CCG, cujos alunos buscam uma participação em programas, projetos e/ou serviços por meio do estágio voluntário.

¹³Pesquisa: Motivações e Práticas Voluntárias na UNISINOS: resgate da condição humana ou neo-individualismo?, junto aos Laboratório de Pesquisa sobre Políticas Públicas e Terceiro Setor.

Nossa investigação se aterá em:

- 1) buscar qual é a percepção de diferentes interlocutores com referência ao voluntariado;
- 2) classificar como os diferentes interlocutores vêem o voluntariado existente na UNISINOS;
- 3) verificar como se dá a inserção de voluntários em programas, projetos e/ou serviços.

Sabemos que a grande dificuldade, ao se executar uma proposta teórica, é a do “como”. Parte substancial dessa dificuldade está no nível de uma harmonia conceitual entre os diferentes autores, incluindo não somente os documentos orientadores, mas também, o estudo dos teóricos, capaz de elucidar a questão de pesquisa e dar a sustentação epistemológica às categorias selecionadas para a análise.

Por meio da metodologia escolhida, instrumento essencial para a culminância dos objetivos, procuramos responder cientificamente as questões formuladas.

Os estudos contemporâneos apontam para a metodologia da pesquisa qualitativa, considerando “os âmbitos teóricos e práticos”, cuja aplicabilidade está se alargando cada vez mais (Triviños, 1997, p.119), como uma resposta às necessidades do

conhecimento a ser gerado para as Ciências Sociais.

Pelo fato de o método ser de fundamental importância para dar cientificidade às conclusões acerca do objeto em estudo, ele tem sido motivo de aprofundados estudos ao longo do tempo. Durkheim com “As Regras do Método Sociológico”, além de fazer uma crítica a teóricos como Comte e Spencer, entre outros, indica um novo campo de abordagem para a pesquisa sociológica, ao apontar para as dimensões externas, observáveis e mensuráveis do fato social (Santos, 2001, p.17).

A modernidade centra, a partir da matemática, o método na racionalidade em que “conhecer significa qualificar”, além de se basear “na redução da complexidade” (Santos, 2001, p.15). A consequência dessa opção teórica é que o conhecimento vai estar ancorado na formulação de leis que, por terem como pressupostos a ordem e a estabilidade, trazidas do universo da natureza, possibilitam estabelecer previamente como os fenômenos vão acontecer. É a idéia de um mundo fechado, num ciclo que se repete continuamente, ou seja, tudo acontece de forma mecânica. Exclui-se, portanto, a viabilidade de uma interferência para a transformação. A realidade deve ser conhecida, e o conhecimento gerado atenderá aos princípios da utilidade e do funcionalismo. São aplicados, então, à sociedade, os princípios epistemológicos e metodológicos que presidem o estudo da natureza.

A implicação direta para o contexto social é a do fortalecimento do domínio de uma burguesia capitalista que estava em ascensão e cuja interferência junto ao poder estatal já se fazia sentir. Entretanto, às ciências sociais não se podem aplicar os princípios eminentemente racionais de um conhecimento lastreado no mecanicismo por uma razão

óbvia: ela lida com o ser humano que, por suas ações, mostra a sua subjetividade numa unicidade que contempla a dualidade do “eu” subjetivo e do “eu” objetivo. Por conseguinte, segundo Santos (2001, p.32) “o rigor científico, porque fundado na matemática, é um rigor que qualifica e que desqualifica e que, ao qualificar, desqualifica ...” porque “a própria precisão quantitativa do conhecimento é estruturalmente limitada” (2001, p.33).

O debate gerado, segundo Alves-Mazzotti e Gewansznajder (1999, p. 119) a partir da “Escola de Frankfurt à ciência tradicional” e de Kuhn com a publicação da “Estrutura das revoluções científicas”, levaram à decadência do paradigma reinante, qual seja, de que às ciências humanas se aplicaria o método das ciências naturais, pois aquelas não eram consideradas ciências.

Para Santos (2001, p. 40), “não basta, porém, apontar a tendência para a superação da distinção entre ciências naturais e ciências sociais, é preciso conhecer o sentido e o conteúdo dessa separação”. Segundo o autor, os estudos atinentes à natureza estão impregnados de “conceitos, teorias, metáforas e analogias das ciências sociais” (2001, p. 41). Por sua vez, as ciências sociais carregam influências dos modelos oriundos das ciências naturais. O ponto de convergência está no fato de que o sujeito da contemporaneidade não é só racionalidade e inteligibilidade, é, também, subjetividade e afetividade.

Com a finalidade de atender a essa peculiaridade, surge a pesquisa qualitativa cujas raízes, para a maioria dos autores, está na Antropologia (Triviños, 1987, p.120). Assim, a pesquisa qualitativa, centrada no estudo da cultura, vai considerar, segundo Triviños, “o contexto no qual os indivíduos realizam suas ações e desenvolvem seus modos de vida

fundamentais” (1987, p.122).

O enfoque metodológico está alicerçado na teoria da ação, a qual está relacionada ao sujeito. Para Touraine (2002, p. 221), o conceito de ação é a “base da vida social”, entendendo-a como a interação de indivíduos-sujeitos num espaço-tempo público, que, ao gerarem a sociedade, são, ao mesmo tempo, criadores e receptores da cultura produzida por essa mesma sociedade.

A opção de utilizarmos a pesquisa qualitativa como metodologia de pesquisa recai no fato de a mesma atender às peculiaridades do objeto em estudo. Para dar conta do objetivo geral que é o de saber “qual o discurso da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – sobre o voluntariado”, não o podemos fazer sem levar em consideração a cultura interna da instituição.

Por cultura entendemos o conjunto de valores, crenças, utopias, consubstanciadas na Missão, no Credo e na Visão, além das normas que norteiam o “ser” de um grupo social ou instituição, que, no nosso estudo, é a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

A Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, “com sede em São Leopoldo, Estado do Rio Grande do Sul, é uma instituição de ensino superior de caráter privado, sem fins lucrativos, que faz parte das obras da sociedade Antônio Vieira, da Província do Brasil Meridional da Companhia de Jesus”¹⁴.

¹⁴UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS: *Missão e Perspectivas*. Plano Estratégico 1999-2004. 1999, p.14.

Ela foi “criada em 17 de maio de 1969, pela Mantenedora – Sociedade Antônio Vieira, e autorizada em 31 de julho de 1969, pelo Decreto-Lei nº722 e reconhecida pela Portaria Ministerial nº453, de 22 de novembro de 1983. Rege-se pela Legislação Federal de Ensino Superior, por seu Estatuto e pelo Estatuto da Sociedade Antônio Vieira, na esfera de suas atribuições”¹⁵.

A UNISINOS tem por Missão “promover a formação integral da pessoa humana e sua capacitação ao exercício profissional, incentivando o aprendizado contínuo e a atuação solidária para o desenvolvimento da sociedade”¹⁶. Ela afirma que “cumpre sua Missão, ministrando ensino de qualidade, centrado na construção do conhecimento e apoiado na investigação científica e tecnológica, em sintonia com a cultura e as necessidades da comunidade”¹⁷.

Ela elegeu como visão “ser referência na promoção da educação por toda a vida, impulsionada por pessoas solidárias, criativas e inovadoras”¹⁸. Esta visão torna explícitos os seguintes valores: “a educação como possibilidade de autoconhecimento e de auto-superação e como processo facilitador da interação com o mundo e com os demais; a vida no tempo histórico como horizonte de sentido para o processo educativo; a pessoa solidária, criativa e inovadora como sujeito da educação e aberta aos desafios de uma sociedade em busca da democracia e da igualdade”¹⁹.

¹⁵Idem. p.14.

¹⁶Ibidem. p.26.

¹⁷Ibidem. p.27.

¹⁸Ibidem. p.28.

¹⁹Ibidem. p.29. [grifo nosso]

O credo da Universidade, ancorado na cultura, assim está explicitado: “ a UNISINOS crê que o seu compromisso fundamental com a sociedade é o de promover a cultura do homem, que provém do homem e é para o homem”²⁰. Ela afirma que “ao promover a cultura do homem, integra-o na própria humanidade, assumindo o lastro cultural da história, para dotá-lo de energia e inspirá-lo a tornar-se artífice da própria realização”²¹.

Em 2001, segundo semestre, conforme dados da Coordenação de Registros Acadêmicos, a instituição contava com 31.130 alunos na graduação. A Pós-Graduação tinha 336 alunos matriculados em cursos de Especialização, 408, no Mestrado e 104, no Doutorado. Os egressos chegavam a um total de 43.441. Estavam sendo oferecidos 37 cursos e habilitações na Graduação, 21 cursos em nível de Especialização, 12 cursos de Mestrado, 6 cursos de Doutorado.

Para a pesquisa qualitativa optamos pelo estudo de caso, porque essa categoria nos possibilitará aprofundar o conhecimento da UNISINOS – objeto em questão, de modo a possibilitar, ou não, o estabelecimento de elos entre o discurso e ação institucionais no tocante à formação de seus alunos para o exercício do voluntariado. O estudo de caso caracteriza-se por ser uma investigação empírica, dentro de um contexto da vida real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (YIN, 2003, p. 32).

As fontes utilizadas foram documentos da Companhia de Jesus e da UNISINOS, registros pertencentes ao banco de dados do Laboratório de Pesquisa sobre Políticas Públicas e Terceiro Setor, como fontes secundárias, e entrevistas, como fontes

²⁰Ibidem. p.30.

²¹Ibidem. p.31.

primárias.

A coleta de dados deu-se por meio de entrevistas semi-estruturadas²², as quais foram realizadas com o Reitor e o Pró-Reitor Comunitário e de Extensão (gestores da administração superior - GAS) e quatro Coordenadores de Ações Comunitárias – CAC (programas, projetos e/ou serviços). Quanto aos Coordenadores de Cursos de Graduação – CCG, foram utilizadas as entrevistas disponibilizadas pelo banco de dados pertencente ao Laboratório de Pesquisa sobre Políticas Públicas e Terceiro Setor, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas.

A escolha dos entrevistados obedeceu aos seguintes critérios:

- ser gestor responsável pela Missão Institucional, assim como pela relação Universidade-sociedade;
- responder pela coordenação de programas, projetos e/ou serviços vinculados à Pró-Reitoria Comunitária e de Extensão, cujo objetivo está voltado para ações comunitárias e que possibilitam aos acadêmicos a participação como estagiários voluntários;
- coordenar Cursos de Graduação cujos acadêmicos participam das atividades desenvolvidas pelos programas, projetos e/ou serviços voltados para ações comunitárias.

²²Entrevista semi-estruturada, segundo Triviños (1987, p.146), é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.

As entrevistas, semi-estruturadas, obedeceram ao seguinte roteiro:

a) Administração Superior:

- ⊗ Como o Sr. vê o voluntariado? Qual o seu entendimento sobre ele?
- ⊗ Visto sob o ponto de vista de uma instituição de ensino superior, como o voluntariado deve ser enfocado?
- ⊗ Especificamente, na UNISINOS, considerando a sua Missão, como esse assunto deve ser tratado?
- ⊗ Qual a percepção que o Sr. tem sobre o voluntariado na UNISINOS?
- ⊗ Qual a função institucional nesse contexto?

b) Coordenadores de programas, projetos e/ou serviços:

- ⊗ O que o Sr. pensa a respeito do voluntariado?
- ⊗ Como ele está inserido no programa, projeto e/ou serviço? E como se caracteriza?
- ⊗ Qual a relação entre voluntariado e o Curso de Graduação?

☉ Há uma capacitação daqueles que exercem ou desejam exercer o voluntariado?

c) Coordenadores dos Cursos de Graduação:

☉ O curso incentiva o trabalho voluntário? E o currículo?

☉ O que você o Sr. a respeito do trabalho voluntário?

O tratamento dado às entrevistas será o da análise do discurso. O modelo de análise tem por premissa o fato de que o ser humano ao revelar-se, o faz pela ação e pelo discurso. Para Arendt (2001, p.195), “a ação e o discurso ocorrem entre os homens, na medida em que a eles são dirigidos, e conservam sua capacidade de revelar o agente, mesmo quando o seu conteúdo é exclusivamente objetivo”. Assim, é pela ação e pelo discurso que o ser humano opera a mediação com os demais, constrói e se reconstrói. Todavia, atos e palavras têm seu real e efetivo significado, quando localizados em um espaço-tempo, o que vai lhe conferir uma singularidade dotada da pluralidade por inserir-se no processo da historicidade da humanidade.

Para Lozano et alii (2002, p.101), “a chamada análise do discurso desenvolve-se fundamentalmente a partir dos estudos sobre a *enunciação*, ou seja, a transformação da língua em discurso por um sujeito”. O discurso passa a ser o mediador entre o “eu” e o “tu” na busca da construção do “nós”. O discurso expresso pelo texto desvenda o sentido da ação, e o seu significado no mundo das aparências estará diretamente relacionado ao tempo-espaço em que isso ocorre, aos aspectos objetivos do enunciado e à subjetividade daquele que fala.

Assim, o discurso produzirá, por meio do diálogo, um contínuo processo de interação entre aquele que fala e aquele que ouve.

A análise do discurso possibilita estabelecer as forças presentes no texto, o poder que nele permeia e como conseqüência sua contribuição para o exercício de uma autonomia ou para uma submissão alienadora. As respostas à compreensão do texto poderão ensejar uma reação a qual resultará em uma nova ação. Daí decorre o fato de que, segundo Arendt, a ação “tem a tendência inerente de violar todos os limites e transpor todas as fronteiras além da imprevisibilidade (2001, p. 203-4).

Podemos afirmar que a ação e o discurso fazem parte de um todo, em que a palavra é utilizada pelo autor para publicizar “o que fez, faz e pretende fazer” (Arendt, 2001, p.191), enquanto o ato, resultante da ação, isoladamente, é apenas um ato “objetivo”, uma realidade sobre a qual não houve a incidência da subjetividade de seu autor.

Pelo discurso, a instituição UNISINOS, como sujeito, vai dar-se a conhecer, ou seja, a linguagem com a qual ela se expressa, a ênfase dada às palavras, dirão que ela “é”, “o que” busca e “que” opções fará para atingir seus objetivos; expressará o seu cotidiano; manifestará as representações que construiu; a compreensão do espaço-tempo em que se encontra; revelará as demandas da sociedade em que está inserida; quais os parâmetros que balizam a interpretação dessa mesma realidade.

A opção metodológica foi a de análise do discurso, por conseguinte a nossa preocupação não esteve centrada nas repercussões que as ações institucionais, mencionadas

nesse estudo, tiveram e/ou estão gerando nas comunidades atingidas pelos diferentes programas, projetos e serviços.

Analizadas as entrevistas e documentos, passamos às considerações finais com a apresentação das proposições, como decorrência desse estudo.

2 SUJEITO E AÇÃO NO VOLUNTARIADO

A busca da alteridade é inerente à condição humana.
Humberto Mariotti (2000, p.317)

O ser humano apresenta-se, ao mundo, em diferentes nuances, ou seja, sujeito, indivíduo e cidadão, um ser dotado de racionalidade e subjetividade, que, por ser essencialmente social, constrói com os demais seres humanos a cultura, expressão do conjunto de valores, princípios, língua, arte, organização social, tradição e costumes que caracterizam determinada comunidade.

A ação e o discurso serão os mediadores pelos quais a “condição humana da pluralidade” enseja aos homens conhecerem-se, em um espaço que é público, por meio da vida política. No dizer de Arendt (2001, p.211) “trata-se do espaço da aparência, no mais amplo sentido da palavra, ou seja, o espaço no qual eu apareço aos outros e os outros em mim”.

Como sujeito, o ser humano apresenta-se com uma subjetividade que o singulariza, utilizando-se da linguagem como mediadora, para que a compreensão se efetive com os demais seres humanos e a ação seja dotada de um cunho teleológico com vistas à construção da historicidade da humanidade.

2.1 Sujeito, Ação e Solidariedade/Voluntariado

O sujeito, como ser único e plurifacetado, é dotado de um espírito que se

manifesta por meio da ação. Entretanto, a trajetória percorrida pelo ser humano até o momento da ação é longa, complexa e não ocorre dissociada do mundo real, perceptivo e sensorial, no qual ele é um tempo sujeito e objeto, sofrendo e recebendo o impacto das ações dos seus demais semelhantes.

Desde logo, por meio do pensamento, o ser humano estabelece um diálogo interno que lhe enseja conhecer-se a si mesmo e dar-se conta de suas ambigüidades e contradições. Descobre, também, que o ato de pensar, implica um repensar de seus próprios atos, suas escolhas, seus valores, a forma como se mostra aos outros seres humanos e como com eles interage.

O pensar, com alicerce na razão, possibilita-lhe gerar o conhecimento a ser disponibilizado, para que os demais seres dele possam auferir benefícios. Para Arendt (2002, p.143), “o pensamento, em seu sentido não cognitivo e não especializado, como uma necessidade natural da vida humana, como a realização da diferença dada na consciência, não é uma prerrogativa de poucos, mas de uma faculdade sempre presente em todo o mundo...”

Esse ser que pensa e emite juízos de valor sobre os objetos que o circundam tem necessidade de mostrar-se ao mundo. Ele não existe isoladamente. Aqui tem início o processo complexo pelo qual o “eu” passa a conhecer-se, quando, diante do outro, é sujeito e objeto e se deixa descobrir por ele. Sua decisão de mostrar-se suscita, de sua parte, um ato de vontade que implica, diretamente, sua liberdade. Assim, o ser-sujeito, ao praticar uma ação, deve fazê-lo no exercício pleno da autonomia da vontade em um ato livre, cuja decisão foi tomada a partir de um querer voltado para o bem. Segundo Arendt, "pouca coisa é mais

contingente do que atos voluntários, os quais – pressupondo-se uma vontade livre – poderiam ser definidos como atos que sei muito bem que poderia ter deixado de fazer” (2002, p.197).

Uma vez que as ações praticadas pelo ser-sujeito são frutos de atos de vontade, atendendo ao direito de exercício da liberdade, é mister que haja consciência das implicações delas decorrentes para a história do homem, pois “...o futuro nada mais é do que uma consequência do passado...” (Arendt, 2002, p.198), e este é o presente que ficou retido na lembrança.

Assim, quando o *eu ser* diz ao *eu sujeito* “eu quero realizar uma ação voluntária,” pressupõe-se que esta seja uma decisão, consciente, deliberada e livre. Pode haver a ocorrência da contradição, o antagonismo do não-querer, da ordem negativa da vontade de querer, surgindo, então, uma beligerância entre aquilo que o espírito decide e a ação exercida pelo corpo, originada pelo princípio de forças que se contrapõem, ou seja, entre “o querer” e o “não-querer”.

A liberdade aqui é tratada do pressuposto de que, segundo Shaff, “o homem condicionado socialmente e subordinado aos processos objetivos da História age de maneira consciente e sistemática, fazendo as respectivas escolhas entre diversas possibilidades”.²³ Assim, a liberdade vai se expressar por meio das opções que levam à ação mediante os códigos culturais assimilados pelo sujeito-indivíduo; da resposta à ambigüidade que se instala no interior de seu ser entre o querer e o não-querer; de suas ilusões e da interação que ocorre entre ele e o seu grupo social. No entender do marxismo, temos que “O homem é, por

²³ SHAFF, Adam. *O marxismo e o indivíduo*. 1967, p.163.

consequente, o criador da História, não como mônade da livre vontade..., mas como produtor da História, e, em consequência, como indivíduo psicofísico real, socialmente condicionado, que faz as suas determinadas escolhas”.²⁴

Em Romanos 7, 19 encontramos: “Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse eu faço”²⁵. Já o poeta Ovídio, aludindo ao mesmo conflito, afirmava: “Vejo o que é melhor e aprovo; sigo o que é pior...”²⁶ Isso responde a muitas indagações que fazemos, no cotidiano, ao presenciarmos a divergência entre discurso e prática, ou seja, quando uma lacuna se abre entre a linguagem, representação do pensamento, e a expressão da vontade; quando entre o plano, ante a transcendência do espírito, e o ato propriamente dito, existe um hiato; quando a deliberação concreta do querer por meio do corpo expressa o conflito entre o que “quero e o que não quero”.

Um aspecto a ressaltar é que o ser humano busca sempre o bem (Rosmini, Gentile, Hegel)²⁷, pois o mal se caracteriza pela ausência de bondade. Aqui está uma das funções da razão, ao possibilitar à vontade a "distinção das coisas". Assim podemos optar entre “querer o bem” ou “não-querer o bem”; entre “ser solidário” e “não ser solidário”; entre “ser individualista e não ser individualista”. E, à medida que ele reflete sobre tais questões e suas implicações, descobre que elas são instâncias de um poder gestado dentro de si e por si mesmo. Como afirma Arendt: “O poder da vontade reside em sua decisão soberana de interessar-se somente pelas coisas que estão em poder do homem; e estas coisas residem exclusivamente na interioridade humana” (2002, p.244).

²⁴ Ibidem, p.165.

²⁵ Idem, p. 237

²⁶ Ibidem, p. 238

²⁷ Abbagnano, Nicola. Dicionário de Filosofia. 2000, p. 108.

Portanto, a ação do sujeito vai estar associada à força da qual emana a decisão interior, que é a manifestação da liberdade da vontade. Assim, podemos dizer “eu quero”, “eu posso”. Isso, no dizer de Arendt, traduz-se desta forma: “O que surpreende é estarem as duas faculdades, querer e poder realizar tão intimamente ligadas: ‘A vontade deve estar presente para que o poder seja produtivo’; e nem é preciso dizer que o poder deve estar presente para que a vontade possa dele fazer uso” (2002, p.251).

A consciência individual se dá da própria condição humana do ser. O ser humano tem consciência do mundo que o rodeia, de suas necessidades e dentre estas a de, também, interagir com os demais seres humanos. Ele faz isso por meio da ação num espaço-tempo público denominado sociedade.

A ação/ato desencadeada no processo histórico da sociedade contém um elemento que lhe é altamente condicionante: o poder. Ele vai ser exercido e aparecer claramente no choque entre os interesses particulares e aqueles do grupo social. Caberá, então, ao Estado o controle e a intervenção prática por meio do ilusório interesse-“geral”. (Marx e Engels, 1996, p. 49)

Ao fazer suas escolhas, no exercício de sua liberdade consciente, o ser humano o faz a partir de uma ação educativa, uma vez que o sistema de valores que foi por ele interiorizado, decorre da própria ação educativa, “pois o sistema de valores surge socialmente e é introduzido ao indivíduo por diversas formas de educação social”. (Shaff, 1967, p. 166).

Pelo exercício da faculdade da consciência, o ser humano sabe que, ao desencadear uma ação, novas opções deverão ser feitas à medida que o processo se desenvolve. Daí pode decorrer uma situação de conflito gerada entre a necessidade do indivíduo e os limites que lhe são impostos pelo sistema de valores.

Um aspecto a ser considerado é aquele que ocorre no âmbito da subjetividade do ser humano e que diz respeito às suas ilusões e à esperança. Assim, como ser singular, o sujeito-indivíduo é portador de ilusões e, por viver em sociedade, ela também, as terá. O componente ilusão, por estar na esfera da subjetividade, vai fugir ao racional. Assim, as expectativas do ser humano estão além daquilo que é possível no espaço-tempo real. A distância entre o desejável, representando a ilusão, a utopia, o sonho; a realidade, no mundo da racionalidade e o possível, em que ocorre a confluência dos interesses, dos demais integrantes da sociedade, bem como a força dos ideais que permeiam o processo, vão ensejar novas ações/atos. A ilusão é de fundamental importância, uma vez que ela impulsiona o ser humano para a ação.

A explicação sociológica para a ilusão, segundo Bertrand (1989, p.25) não pode ocultar a existência de uma necessidade subjetiva, que é a da idealização à qual o sujeito-indivíduo abraça como sendo um grande ideal. Porém não basta a adesão ao ideal, há a necessidade que ocorra a identificação, ou seja, a comunhão de “um interesse comum”.

Bertrand coloca em destaque a imaginação, a fé, a esperança e a estética. Esses componentes estão presentes no indivíduo e, por consequência, na sociedade e terão o condão de impulsionar a construção da historicidade da humanidade. Pela imaginação, interagindo

uns com os outros, os sujeitos-indivíduos são capazes de transformar a realidade. Se o ideal comum não foi atingido como o desejável, resta-lhes a esperança para prosseguir na sua consecução.

Como o fato imaginário é sempre ilusório, por responder a um desejo, a ilusão pode ser bem-sucedida ou fracassar (Bertrand, 1989, p.31). O sucesso dependerá, assim, da fé atribuída pelo ser humano aos ideais.

Bertrand afirma:

A fé em ideais e, portanto, uma forma de vida social, é o processo subjetivo pelo qual os homens se apropriam do mundo real e tentam imaginariamente resolver suas contradições.

(...)

O ideal só sobrevive pela fé de que é portador.²⁸

Então, se o ser humano decidiu, como vontade e como querer, que a ação solidária, experimentada e vivenciada por meio do voluntariado, voltada para os outros homens, é um bem, passa ela a ser potencializada como algo verdadeiro a ser perseguido. E, à medida que o processo avança no *continuum* do “devir”, mais próximo se torna o ser humano do seu “ser-é”²⁹, que se torna pleno, posto que suas ações, voltadas para o bem, auxiliam na busca e compreensão do juízo de valor que irá validar a verdade a ser conhecida.

O sujeito-indivíduo só é entendido como integrante de uma sociedade onde ele, ao se dar a conhecer expressar aquilo que vem de seu espírito por meio da linguagem, por

²⁸ BERTRAND, Michèle. *O homem clivado – a crença e o imaginário*. In: SILVEIRA, Paulo; DORAY, Bernard (org). *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. 1989, p.32 e 34.

²⁹ “Ser-é”, aqui, tem o significado da totalidade do ser, ou seja, da união íntima que se estabelece entre o espírito e o corpóreo, dando-lhe uma identidade que é, ao mesmo tempo, única, indissolúvel, indissociável e singular. Em outras palavras, é o ser tomado em si mesmo, em sua unicidade.

meio da expressão de uma simbologia cultural, de sua racionalidade como ser que pensa e de ações que carregarão uma dose considerável de sua subjetividade.

Somos o que somos por aquilo que fazemos e seremos tão mais autênticos quanto menor for a distância entre o discurso e a ação. Aqui reside a autonomia da liberdade, ou seja, a capacidade que o ser humano tem de decidir ante as alternativas de que dispõe.

2.2 O Sujeito: Relação Discurso-Ação

O ser-sujeito desvenda-se diante dos demais e da natureza mediante sua linguagem, como expressão do espírito³⁰, e da ação, atividade que se operacionaliza e toma a forma de materialidade no mundo da imanência. Ao revelar-se aos outros seres humanos, assume a condição de sujeito que, no tempo presente, interage, (re)constrói, cria e assim modifica relações e se assume como construtor não só de sua própria história, mas também da história de seu grupo social e, por extensão, da humanidade. Desse modo, conforme Arendt..., 2001, p.189, “é com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano” como concretude de um desejo que brota do interior do nosso próprio ser. Somos, então, impelidos a agir, pois, agindo, logramos encontrar o sentido da vida.

Por meio da ação, o sujeito realiza a interação com os demais seres humanos sem que, para isso, haja a necessidade da intermediação de outros. O contato dá-se entre o eu e o tu que, ao se conhecerem, vão se (re)conhecendo como sujeitos de um processo histórico, que, como tal, é infinito.

³⁰ Espírito está significando expressão da liberdade, das idéias, da autoconsciência, do pensamento, da linguagem, da autonomia, entre outros.

O ser humano, como espírito, dá-se a conhecer aos demais seres humanos, num espaço-tempo, que é público. E é no espaço público que o sujeito, gerador de conhecimento, como singularidade, mostra sua unicidade por meio da ação. Tendo esta assertiva como premissa, podemos, então, afirmar que o ser humano como construtor de sua história, o é, também, da história da humanidade.

Uma relação se estabelece entre cada singularidade e entre o conjunto de singularidades, que denominamos sociedade. A influência entre esses pólos ocorre de forma simbólica, em que o existir de um, inexoravelmente, conduzirá à formação do outro, ou seja, para que haja a sociedade, é necessário que existam indivíduos, e estes, como vivem em grupos sociais, constituem o próprio ser-sociedade.

Para Arendt (2001, p.16), “a pluralidade é a condição da ação humana” . Isso significa que, embora participando de mesma essência humana e, sendo assim semelhantes, ninguém seja igual a outrem. É essa pluralidade que possibilita aos seres humanos desvendarem-se, darem-se a conhecer, pois conhecendo e desvendando o outro estão conhecendo e desvendando a si mesmos. Este aspecto - o da pluralidade - ao mesmo tempo que dá unidade ao coletivo, singulariza, também, cada indivíduo, na medida em que cada um de nós é único e indivisível. A singularidade vai tornar-se evidente por meio da ação, na qual cada uma das possibilidades vai manifestar-se de forma diferente. O que vai, então, servir de elo, entre os sujeitos será o objeto para o qual estão voltados os seus desejos, como manifestação da vontade que se expressa num querer ou não-querer.

É evidente que o se mostrar só irá acontecer, se os homens, mediante a linguagem, estiverem juntos convivendo e participando, agindo. Segundo Arendt, "...embora o ato possa ser percebido em sua manifestação física bruta, sem acompanhamento verbal, só se torna relevante por meio da palavra falada pela qual o autor se identifica, anuncia o que fez, faz e pretende fazer" (2002, p.191).

O ser humano vai relacionar-se com os demais seres da natureza, quer pelo discurso, quer por meio de ações. O discurso traz, em seu conteúdo, uma carga do conhecimento apreendido e assimilado. Ele também está impregnado dos valores e princípios que foram escolhidos, considerando-se a cultura a que esse sujeito/indivíduo pertence.

O grau de confiabilidade e a validade do conteúdo contido no discurso, perante os demais seres humanos e os respectivos grupos sociais, está associado à sintonia que este tiver com a ação que ele anuncia. Discurso e ação dissociados, em seu conjunto, podem revelar uma incoerência capaz de interferir no processo de inter-relação, afetando os interesses comuns sobre determinado objeto.

No que se refere à ação, temos a considerar que, pelo fato de ela estar carregada de poder, os efeitos que acarreta, quer na relação entre os seres humanos, quer nas relações inter e extragrupos sociais e entre os demais seres da natureza, se dará, basicamente, pelo domínio do conhecimento e/ou da informação.

Assim, o conteúdo contido no discurso, a forma dada pela ação e o poder advindo do conhecimento e/ou informação se tornarão uma unidade que, enquanto singulariza

um ser humano ou um determinado grupo social, faz dele um exponencial na construção da historicidade da humanidade.

A esses elementos objetivos que compõem o intersubjetivo, agregam-se outros: aqueles que dizem respeito à interioridade de cada subjetividade. Tais elementos são a estética, a religiosidade, a esperança, a utopia, as emoções, entre outros. Eles se situam no âmbito da transcendência e integram com o discurso e ação, que dizem respeito à imanência, um todo que guarda certa singularidade, especificidade e indivisibilidade.

A unicidade do ser humano defronta-se na contemporaneidade, com uma sociedade marcada pelo domínio do mercado e, como decorrência, por um consumismo exacerbado. Lipovestsky afirma: “La sociedad de consumo supone programación, manipula y cuadrícula racionalmente la vida en todos sus interstícios; todo se transforma en artificio e ilusión al servicio del beneficio capitalista y de las clases dominantes” (1996, p.177). Ao lançar mão de tais artifícios, a sociedade de consumo utiliza-se de todo o instrumental que está à disposição e é produto do avanço da ciência. Conhecimento e informação passam a ser os insumos imprescindíveis para que, tanto em nível local como global, possa estabelecer-se um controle sobre a subjetividade do ser humano.

Considerando que a ação ocorre num espaço-tempo entre os homens, pressupondo, necessariamente, uma convivência, voltada para um objeto definido que se situa como elemento de mediação entre os sujeitos, a partir de determinados valores e princípios, podemos, então, afirmar que estes são indicadores de um processo. Como a ação não tem fim, acontecendo inconclusamente no tempo presente, ela já pertenceu ao passado e projeta-se para

o futuro. Ao mesmo tempo, dotada de imprevisibilidade, esta ação decorre da própria pluralidade do ser, concluindo-se daí que ela é um eterno "devir".

O ser humano, ao agir, o faz, tendo em vista um objetivo sobre o qual incidirão as conseqüências de sua ação. Quando esta for voluntária, ou seja, estiver embebida de gratuidade e constituir-se em uma manifestação, quer em âmbito individual, quer coletivo, fornecerá os fundamentos da solidariedade como expressão da subjetividade.

A ação voluntária, oriunda da necessidade do ser humano em participar ativamente de seu grupo social, na busca da concretização de objetivos comuns, se tornará lugar de esperança, de construção de um conhecimento lastreado na realidade, com forte conotação simbólica e que tem, na linguagem, uma de suas expressões mais vigorosas. Aqui encontramos o verdadeiro significado da política como mediadora dos desejos individuais para obter, por meio de senso comum, a coesão para a passagem do individual ao coletivo.

Uma ação assim qualificada fornecerá àqueles que a efetivam, possibilidades de obter autonomia, tendo como princípio gerador o seu próprio empoderamento. Assim sendo, quando a ação voluntária apresentar-se destituída desse significado, o poder, que nela permeia, poderá conduzir a uma condição de opressão e submissão.

O dado significativo do agir voluntário, tendo como base a solidariedade e fundamentado no senso comum, é a possibilidade de serem contemplados, ainda que parcialmente, os interesses tanto individuais como coletivos. Melucci, (2001, p.117), ao referir-se à ação voluntária, afirma: "Antes de tudo, a ação é orientada para a busca de

objetivos comuns aos que dela participam, podendo, entretanto, permanecer, no seu interior, uma multiplicidade de objetivos individuais ou de subgrupos.”

À proporção que os agentes de uma determinada ação voluntária geram conhecimento sobre o objeto em questão, assumem uma posição de autonomia e de liberdade diante desse mesmo objeto. Isso significa adquirir os pré-requisitos necessários às tomadas de decisões que acarretarão melhorias para a coletividade. Constatamos, dessa maneira, a importância da geração do conhecimento, o qual, partindo da realidade empírica e a ela retornando, traz o contributo da melhoria de vida, realizando, assim, a transmutação da utopia em sonho, e do sonho em realidade.

Como já foi abordado anteriormente, toda ação, como expressão livre de uma vontade, está carregada de poder, gerando opressão e alienação. Entretanto, o ser humano pela própria condição humana, tem, no âmago de sua interioridade, a faculdade do pensamento que lhe possibilita produzir uma reação e não se deixar dominar totalmente. O pensamento o conduzirá ao questionamento, e este ao discernimento. Certamente, não serão todos os seres humanos que se utilizarão dessa faculdade, porém para alguns valerá a responsabilidade de iniciar alguma reação, por meio da publicização, permeando horizontalmente as estruturas dos grupos sociais para, assim, atingir a sociedade.

Teremos, então, elementos, de um tempo atual, gerados a partir de um conhecimento que se utilizou de uma metodologia que considerou o empírico – os saberes populares, e que poderá ensejar possibilidades da obtenção de um novo paradigma condizente com as necessidades e os sonhos do ser humano do século XXI.

Pela convivência, estabelece-se a ligação entre seres humanos que comungam dos mesmos objetivos, centrados em determinado objeto. Essa união deixa-se mostrar no mundo das aparências, pelo discurso e pela ação. A ação solidária constitui-se, então, como expressão da alteridade que encontra, no voluntariado, o espaço de mediação.

Partindo dos aspectos assinalados, apresentamos, conforme entendemos, a ação, alicerce sobre o qual o voluntariado poderia apoiar-se, hoje. Dados os pressupostos da ação, podemos fazer algumas reflexões sobre o que seja a ação qualificada como solidária, pois é assim que a definimos como elemento gerador do voluntariado.

A ação, segundo Arendt, juntamente com o labor e o trabalho, constitui o que a autora denomina atividade fundamental, a qual designa a "vida activa". Por meio da ação, o sujeito, que é plural e singular, ao relacionar-se com os demais seres humanos, de forma direta, desvendando e desvendando-se constitui-se no principal componente da política. Para Arendt, "todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição de toda vida política" (1993, p.115).

O ser humano é um ser político, porque não lhe basta viver em um grupo. A vida no grupo social vai além da presença física, ela é ativa, porque os integrantes desse grupo interagem. A relação que se estabelece é complexa, pois nela está presente a ambigüidade que habita o interior de cada ser humano, traduzida pelo "querer" e pelo "não-querer". Além do mais, cada ação traz para o mundo da aparência uma carga de poder, o qual vai interferir decididamente no comportamento e, conseqüentemente, na forma pela qual determinado

objeto é buscado como possibilidade de um bem.

Para Santos, “em nível geral, o poder é qualquer relação social regulada por uma troca desigual” (2000, p. 256). Partindo desta premissa, há que se pensar e buscar mecanismos que inibam a troca desigual. A procura da igualdade passa a ser um desafio a ser construído e tornar-se-á uma possibilidade à medida que o “eu” se reconhece no “tu”. Perseguir a consecução de uma igualdade significa mudança de atitude, humildade e solidariedade.

Santos afirma:

Não há emancipação em si, mas antes relações emancipatórias, relações que criam um número cada vez maior de relações cada vez mais iguais.

(...)

Só através do exercício cumulativo das permissões ou capacitações tornadas possíveis pelas relações de poder (o modo abertura-de-novos-caminhos) se torna viável deslocar as restrições e alterar as distribuições, ou seja, transformar as capacidades que reproduzem o poder em capacidades que o destroem.³¹

O poder traz a possibilidade de a ação humana caracterizar-se como emancipadora ou alienadora. Entendemos como emancipadora a ação carregada de um vigor, uma força tal que seja capaz de gerar uma liga entre os seres humanos na obtenção dos objetivos, de forma eficiente e eficaz, que revertam em benefícios ao próprio grupo. É alienadora a ação em que o exercício do poder nela contida, conduza à submissão do outro e se converta em um autobenefício, não ensejando a possibilidade de uma análise crítica dos objetivos presentes.

³¹ SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 2000, p. 269.

Entendida como uma habilidade na condução das relações sociais, a política, que é exercida em um espaço de tempo, vai refletir, no mundo das aparências, a coerência que há entre o discurso e a ação do ser-sujeito. Por meio da política, será possível detectar que tipo de poder está prevalecendo; o nível de compreensão que ocorre nas inter-relações humanas; a capacidade de possibilitar que escolhas sejam feitas, como exercícios de liberdade, pois estes poderão ser indicadores da possibilidade de que novas condições sejam criadas com o intuito de dar seguimento ao processo de historicidade que coloca o homem como o ser principal da natureza.

No exercício da ação política, o ser humano necessita conhecer para poder julgar e, assim, estabelecer as regras de convivência, eleger os princípios e valores que vão referenciar a relação direta que ocorre entre as atividades do espírito - pensar, querer e julgar - que são expressas pela linguagem, como instrumento de comunicação, e a ação, expressão de uma das atividades da "vida activa". É Arendt quem diz: "O pensamento, à medida que alcançar a verdade deve necessariamente desembocar na comunicação, torna-se prático, embora não pragmático. Pensar é antes uma prática entre os homens do que o desempenho de um indivíduo na solidão que escolheu para si" (1993, p.85).

A questão que se coloca, nesse contexto, é a da verdade. Pelo fato de o ser-sujeito dar-se a revelar em um mundo de aparências, significa que a verdade não é absoluta. A relação que se estabelece entre eu e tu, ocorre por meio da dialética que oportuniza o diálogo com vistas a uma compreensão; no grupo, será a habilidade de persuadir do ser-sujeito que resultará em uma opinião acerca de determinado objeto. Novamente, temos presente o exercício do poder, que irá se dar pela persuasão. Isso nos reporta a Arendt,

quando afirma que “persuadir a multidão significa impor sua própria opinião em meio às múltiplas opiniões da multidão..”. (1993, p.96). Estamos, pois, diante de um dado relevante para considerarmos a ação solidária, presente no voluntariado, aqui enfocado, como um elemento de mediação na política.

Quando o ser-sujeito decide que ele vai estar presente no mundo das aparências, por meio do voluntariado, ele o faz a partir de seus referenciais como "ser". É o ser-sujeito, na totalidade de sua pluralidade, que vai, por meio da ação, mostrar o seu singular, a habilidade que tem para compreender, medir, (re)criar alternativas.

2.3 Ação Solidária: Compromisso Político

A solidariedade traz, à primeira vista, a idéia de que seu fundamento está, precipuamente, na caridade, e por essa razão, as ações a ela associadas tendem a ser do tipo assistencialista. Essa visão, hoje, já não condiz com a realidade. Isso não implica que ocorram ações que visem, unicamente, à prática de uma caridade assistencialista.

Todavia, há uma questão que preocupa, oriunda de uma falsa solidariedade, destituída de ética e de respeito para com o outro que, ao apropriar-se da linguagem e da simbologia que se fundam na solidariedade, fazem dela um instrumento para manipular indivíduos ou grupos sociais. Essa prática acoberta interesses daqueles que pretendem manter uma parcela da população à margem da possibilidade de se apropriar dos instrumentos para construir um conhecimento que lhe possibilite ser sujeito da sua própria história. Ao mascarar os seus reais objetivos, tal ação, na verdade, reforça os interesses de uma economia neoliberal

a qual, ao se utilizar de uma representação simbólica que permeia os diferentes veículos de comunicação, busca atingir a subjetividade do ser humano.

Entretanto, assistimos ao surgimento de uma solidariedade que está assentada no desejo e na necessidade do ser humano de ser partícipe na construção de uma nova realidade social. Esse entendimento decorre do princípio de que os seres humanos, ao relacionarem-se, estão, continuamente, atuando como pólos, tanto ativos como passivos, já que influenciam e são influenciados pelos outros. Aqui reside o compromisso ético-social de um agir comprometido politicamente. Considerando que toda a ação, quanto às relações de poder, não é neutra, a ética torna-se o imperativo a reger a ação solidária.

A solidariedade assentada em compromissos, permeada pela ética que busca o bem comum, se utilizará do conhecimento, da informação, da tecnologia e dos meios de comunicação como instrumentos para disseminar o saber advindo da ciência, facilitando o seu acesso e a sua compreensão. De posse do conhecimento científico e tecnológico, o grupo social terá a possibilidade de realizar a aplicação prática do mesmo, na sua realidade, numa nova construção do saber onde conhecimento científico e popular fundem-se para a realização de novas perspectivas de vida.

Considerando que os grupos sociais comunicam-se entre si, constituindo-se em rede de solidariedade, temos que aquilo que foi formado por um determinado grupo social, entendido aqui como uma comunidade, se alastrará, podendo atingir a dimensão global. O importante a considerar na solidariedade como compromisso político é a sua capacidade para gerar autonomia e, assim, produzir a emancipação do grupo social. O exercício de produzir

opções que privilegiem o coletivo diz também da busca pela justiça.

Consideremos que, quando falamos em justiça, partimos do entendimento de que ela não é absoluta e linear, ou seja, não é uniforme e não se aplica da mesma forma, indistintamente a todos. Ela vai compondo-se das necessidades do ser humano a serem supridas, quer como indivíduo, quer como sujeito social.

Certamente, o ponto nevrálgico da questão e o grande desafio a ser ultrapassado na atualidade é resgatar a credibilidade da esfera política no interior das relações entre os seres humanos. Pensamos que a solidariedade possa ser o componente de mediação na conjunção dos interesses individuais com os coletivos.

2.4 Espaço Público: Confluência do Individual e do Coletivo

O espaço público é onde o ser humano dá-se a conhecer, conhece os demais seres humanos e interage com todos os seres da natureza. Nele são realizadas opções, quer individuais, quer coletivas, cujas conseqüências recairão sobre os dois pólos da relação. O aspecto a ser ressaltado é o da responsabilidade pelas implicações desse agir. Santos afirma: “o indivíduo e a coletividade devem ser considerados pólos num *continuum* e devem definir critérios para dividir a responsabilidade pelas vários grupos sociais que integram esse espectro” (2000, p.111). Vista sob esse ângulo, entendemos que a participação no grupo social, cujo agir tenha, na liberdade, o seu pressuposto assim como o seu escopo, deva ocorrer com uma responsabilidade consciente.

Partindo do fundamento de que a solidariedade seja o elemento que atuará como mediador nesse processo, surge a necessidade de dar visibilidade aos nexos que traçam as interligações entre as categorias, destacando entre elas a solidariedade, a participação, a subjetividade, a autonomia e o senso comum. A contribuição do conhecimento está em buscar um novo paradigma por meio do qual essas categorias serão analisadas. Percebê-las e conhecê-las na realidade do século XXI, em que elas estão inseridas, num contexto que tem na complexidade uma de suas características, torna-se um desafio a ser ultrapassado.

Também, o conhecimento não se exime de sua responsabilidade diante do espaço público. Ao estabelecer a metodologia para fazer frente a esse desafio, estará optando por alguns indicadores em detrimento de outros. Novamente a questão do critério faz-se presente, assim como a dos objetivos a serem perseguidos. O espaço público também é, como diz Melucci, onde se dá a “*civitas* pública e individual ao mesmo tempo, capaz de colocar a diferença e de reforçar a solidariedade” (2001, p.121). Daí decorre que o espaço público seja o lugar por excelência, para que se estabeleça uma solidariedade que tem na alteridade o seu pressuposto fundamental.

Por ter essa característica de uma facetada multiplicidade de representações individuais e sociais, o espaço público torna-se, ainda, o lugar onde se visualizam os conflitos e as soluções geradas no interior das comunidades. E, ele está, continuamente, reproduzindo, impactando, transformando e deixando-se transformar, quer pelas subjetividades como expressão da condição humana, quer pelo conhecimento como resultado das inquietudes que afetam o ser humano na sua busca pela verdade.

Pensar a solidariedade e a subjetividade na contemporaneidade significa abordá-las a partir do binômio indivíduo-grupo social. As matizes de que se reveste o agir solidário são geradas pela subjetividade presente em cada ser humano e no interior do grupo social.

Compreender o real significado da simbologia da subjetividade, presente na linguagem e na ação como expressão concreta do subjetivo, é um enfrentamento a ser vencido. Para Santos (2000, p.113), “a dimensão da solidariedade confere ao novo senso comum a sua marca ética, a dimensão da participação confere-lhe a marca política”. Os interesses presentes nessas duas dimensões estão diretamente relacionados aos níveis de poder que ali se estabelecem. Portanto, as ações decorrentes trarão maior ou menor capacidade de emancipação, considerando o *quantum* de poder está presente e como ele é exercido pelos diferentes sujeitos-indivíduos.

Podemos observar que há uma tendência para o agir solidário, no qual o ser humano atue, respeitando os demais seres da natureza, e isso se dá no espaço público, que se torna global, a partir do local, por meio de redes. Ao apropriar-se dos instrumentos que a tecnologia coloca à disposição, o ser humano apodera-se do conhecimento gerado pelas ciências para, dessa maneira, transformar em realidade a esperança que alimenta os sonhos.

Portanto, o espaço público constitui-se o lugar onde a ação como mediadora da política vai sintetizar o simbólico e o real, a utopia e o concreto, a esperança e a desilusão, os desejos e as contradições, a subjetividade e a pluralidade presentes em cada indivíduo e na coletividade. Aqui, o “eu” passa a ser “nós” na identificação de objetivos comuns voltados

para

um

mesmo

objeto.

3 O VOLUNTARIADO NA UNISINOS: DISCURSOS

O problema não é se os pobres podem ingressar no ensino superior, mas o que fazemos com os nossos estudantes, ricos ou pobres. Se não formamos homens e mulheres para os outros, capazes de transformar o mundo em um lugar fraterno, justo e solidário, podemos nos considerar fracassados.

Peter Hans Kolvenbach (2001)³²

Neste capítulo, estão apresentados documentos da Companhia de Jesus, da Associação de Universidades Confiadas à Companhia de Jesus na América Latina, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS - e os programas, projetos e serviços vinculados à extensão universitária como fontes secundárias, onde está explicitado o discurso com relação ao compromisso social, à solidariedade, às ações solidárias e ao voluntariado.

Os documentos sobre os quais realizamos nosso estudo foram os seguintes: 1) *O Serviço da Fé e a Promoção da Justiça na Educação Superior Inaciana*; 2) *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*; 3) *Características da Educação na Companhia de Jesus*; 4) *Missão e Perspectivas: Plano Estratégico 1999-2004. – UNISINOS*; 5) *Visão Inaciana da*

1.³²KOLVENBACH, Peter Hans. *Especial UNISINOS em Revista 2001*. São Leopoldo: UNISINOS, n.68, [s.d.].

Educação: desafios hoje; 6) Pastoral Popular – fundamentação ignaciana; 7) Desafios de las Universidades Jesuítas en América Latina: La identidad ignaciana; 8) Plan Estratégico: 2001-2005; 9) Solidariedad Inteligente (conferência); 10) Programa de Voluntariado; 11) Uma concepção de voluntariado para a UNISINOS; 12) Resolução nº 002 de 29 de janeiro de 2001. Criação de oportunidades de estágio docente; 13) Linhas de Pesquisa e de Interesse Social; 14) Relatório dos Programas Projetos e Serviços. Pró-Reitoria Comunitária e de Extensão; 15) Relatório Parcial da Pesquisa sobre Motivações e Práticas Voluntárias na UNISINOS. Laboratório de Pesquisa sobre Políticas Públicas e Terceiro Setor; 16) Transcrição das apresentações dos participantes do Seminário Por que se voluntário? - Em busca da solidariedade cidadã. Laboratório de Pesquisa sobre Políticas Públicas e Terceiro Setor.

3.1 Ação Social a Serviço da Fé: a Orientação da Companhia de Jesus

A trajetória da Companhia de Jesus, nestes mais de 450 anos, tem-se pautado pela ação no campo social, com opção preferencial pelos pobres e pela educação. Escolas e universidades localizadas em diferentes pontos do mundo, inseridas e contextualizadas nas culturas locais, objetivam não só possibilitar um conhecimento teórico capaz de inserir seus egressos no mercado de trabalho, mas também prepará-los para a cultura da solidariedade.

Pensar a universidade em sua concepção substantiva tem para Tapia (2002, p.86) esta significação:

El substantivo universidad indica que las buscas del modelo son primariamente intelectuales y éticas. Las universidades están llamadas, por vocación y tradición a constituirse en espacios educativos destinados a la generación plural de las ideas, a la formación de sujetos autores de la historia, al desarrollo de la ciencia y del humanismo, al cultivo de la inteligencia y del conocimiento.

Para ele, o significado da qualidade de pertencer à instituição fundada por Inácio de Loyola diz de um estilo próprio de relacionar ensino e aprendizagem. Assim, para Tapia (2002, p.86)

El calificativo desafia a adoptar un estilo pedagógico que arranque y considere el contexto como parte integrante y hacia el cuál se dirigen los esfuerzos. Un estilo caracterizado por marcar a los estudiantes mediante la propuesta y concreción de experiencias profundas y significativas de contacto con la realidad.

No decreto 17 da Congregação Geral XXXIV (p.247), está explicitado que “a universidade jesuítica pode e deve descobrir em sua contextura institucional própria e em seus objetivos autênticos um fórum para o encontro com a fé que pratica a justiça”.

A Igreja avalia as suas práticas assistencialistas, caritativas ou de promoção social tendo por base três princípios sociais: caridade, solidariedade e subsidiariedade.

O princípio da caridade aproxima, naturalmente, os seres humanos. Para Ullmann e Bohnen (1993, p.74) a caridade “cumpre a justiça e transcende-a, fazendo com que a pessoa dê algo de si, de seu tempo, de sua inteligência, de seu coração, para socorrer a quem é menos favorecido”. Os autores afirmam que “fazer caridade, violando a justiça, é pseudocaridade” (1993, p.76). Ela está fundada no sentimento de com-paixão que conduz a ação para aqueles que se encontram em estado de sofrimento e/ou desprotegidos.

O princípio da solidariedade é inerente ontologicamente no ser humano pela sua própria condição humana. Ullmann e Bohnen (1993, p.90) afirmam que, “por ser social, o homem é solidário, devendo, por conseguinte, agir como social e solidário”. O agir solidário

conduz, como decorrência, às relações éticas e justas.

Atualmente, estamos assistindo ao surgimento, na comunidade jesuítica, da expressão solidariedade inteligente. Para Monroy (2003, p.2) solidariedade inteligente significa que ela “debe ser una que piense y ame aquello distinto a lo que se adhiere. Que lo piense y ame con el propósito de colaborar en su transformación”. Inteligente tem, aqui, o significado de inteligível, ou seja, daquilo que é aprendido pelo intelecto e pelos sentidos. Para Monroy (2003, p.1) “inteligir es, en definitiva, conocer. Y conocer, dice la moderna epistemologia, es transformar”. Para ele este esforço de “inteligir” não diz respeito somente ao aspecto racional, mas, também, à sensibilidade. Daí concluir que a sensibilidade é inteligente. Concluí a sua argumentação, afirmando:

y como las nuestras son universidades que reconocen y proclaman al ser humano como multidimensional - y no sólo intelectual o sólo sensible – y como las nuestras son universidades que anhelan abordar la realidad como totalidad – y no fragmentariamente -; la solidaridad que alimentemos debe ser “inteligente”. Esto es: sensible – racional.

O princípio da subsidiaridade, segundo Ullmann e Bohnen (1993, p.99) “tem como fundamento metafísico a autonomia da pessoa humana, a sua finalidade e a responsabilidade de auto-realização”. Isso significa que os sujeitos, individuais ou coletivos, são portadores de direitos e deveres, implicando responsabilidade na participação política dentro da esfera pública.

Encontramos, analisando documentos da Companhia de Jesus, esses princípios permeando a forma de agir de seus integrantes, desde seu fundador, Inácio de Loyola.

A caridade está presente, desde 1538, em Roma, quando no “inverno da fome”, “companheiros”, por meio da mendicância, socorreram os famintos. Entretanto, desde os primeiros jesuítas, não era somente por meio da caridade que entendiam ter cumprido com o seu compromisso, mas também pela busca de relações, as quais, no dizer de Heller (1998, p.303), incluem a reciprocidade simétrica (intercurso social, comunicação, cooperação...). A visão ia além, na luta pela transformação das estruturas, ou seja, tratava-se de uma solidariedade política e que operava no público da sociedade como instrumento para promover a justiça. Isso vemos claramente no tratamento dado aos hebreus, mendigos e meretrizes e encontramos, também, o princípio da subsidiariedade presente nas obras de Santa Marta e na “Companhia delle Virgini”, iniciada por Inácio de Loyola e entregue aos leigos para mantê-las. Essas obras então voltadas aos jovens e à “proteção social da mulher”. (Neutzling, 1991, p.14). Ao explicitar que “não existe verdadeira pessoa sem verdadeira doação” (Neutzling, 1991, p.27), a Companhia de Jesus está fundando a gratuidade como princípio que irá forjar a caridade alicerçada na alteridade.

No Decreto 4, da Congregação Geral XXXII, encontramos explicitada a missão da Companhia de Jesus - “o serviço da fé e a promoção da justiça”. O serviço da fé, tal como é entendido pela Companhia de Jesus, vai dar-se pela ação, por meio da caridade. No entanto, esta caridade justapõe-se, à justiça à medida que a impulsiona e por ela é impulsionada. A solidariedade, amparada na caridade e na justiça, terá as condições para transformar as estruturas sociais que geram “a opressão e a injustiça” e opõe-se à dignidade humana. Evidencia-se, com maior agudeza, a busca de relações e o significado político-público das ações embasadas na “promoção da justiça”. “Para Inácio de Loyola, segundo Aquino, e nisso está a sua atualidade, a subjetividade humana é ação... O ser humano age

transformando, isto é, perfeccionando a própria pessoa e a realidade” (1997, p.146).

Com referência ao princípio da justiça, Meneses (1997, p.33) afirma:

O compromisso da universidade para com a justiça se cumpre sobretudo quando ela consegue dar a seus alunos, (e também aos pesquisadores e professores) uma formação ética: quando faz deles verdadeiros cidadãos, conscientes do bem comum, e os torna capazes de promover uma ordem social baseada na justiça e na equidade.

O aspecto educativo perpassa os documentos. Em Neutzling (1991, p.51), encontramos “... informar as próprias estruturas da convivência humana de mais justiça e caridade, para poder qualquer homem participar em pessoa, e exercer a sua iniciativa e responsabilidade em todos os setores da vida social”. A forma concreta como isso se dá é pela experiência, pela inserção, pelo contato com as comunidades mais desprovidas da sociedade. A partir dessa relação, inicia-se o processo de conhecimento da realidade o qual implica tomada de consciência, avaliação, julgamento para adotar, com vistas a um compromisso responsável, a decisão de participar ativamente, considerando habilidades, capacidades e conhecimento pessoal.

A experiência, no contexto da pedagogia inaciana, é fundamental. Para Oizumi (1997, p.137), o homem da pedagogia inaciana realiza diferentes experiências que lhe possibilitam perceber o contexto. A reflexão, resultado da experiência de conhecer não se restringe somente à razão, ao intelecto, ela envolve outras faculdades como os sentimentos, as emoções e os afetos. Ainda Oizumi (1997, p.138) afirma que: La acción fluye de la reflexión y la valida. La Pedagogia Inaciana concibe el Hombre como una persona que mediante la reflexión vincule experiencia y acción para transformar a la persona y la realidad.

Em Foyaca apud Neutzling, (1991, p.116), temos a caracterização de assistência social e ação social, sob o entendimento da Companhia de Jesus. Assistência social é entendida como “a ajuda organizada ao pobre”. Ela “é anterior ao cristianismo”. Portanto, assistência social pertence à categoria caridade. A “ação social ou ação socioeconômica” é entendida como uma “contraposição à mera assistência social”. A ação social dá-se pela influência nos desígnios da coisa pública, por meio de esclarecimentos, assessorias, produção de conhecimento os quais permitirão a tomada das decisões necessárias às mudanças geradoras de opressão e injustiça. A ação social vincula-se à categoria da solidariedade, entendendo-a como exercício da política.

Especificamente, quanto ao ensino superior, o que se requer é a “formação teórica e prática de nossa juventude, capacitando-a para governar um mundo que amanhã será seu” (Foyaca apud Neutzling, 1991, p. 134). Na Carta da Gávea (Neutzling, p.149), está reforçada a posição em relação aos alunos “na medida do possível, antes de se formarem, realizem algum serviço social autêntico para o bem da comunidade”. Essas indicações são intensificadas pela afirmação de Kolvenbach (encarte, p.4) para quem “a universidade não é só lugar para aquisição de uma disciplina ou técnica, mas lugar de experiência e de vida para os estudantes... os estudantes devem aprender, desde já, a pensar, julgar, escolher e atuar a serviço dos outros, especialmente dos menos avantajados e dos excluídos”.

Mais uma vez, é acentuado o aspecto do conhecer a realidade, vivenciá-la para poder analisá-la e decidir, conscientemente, pela ação mais adequada, para aquela situação específica. Numa sociedade em constante movimento, marcada pela pluralidade e

complexidade, torna-se mister que uma decisão, para que seja justa e adequada, deva ser adotada após uma análise acurada da verdade que se encerra em determinada comunidade ou grupo social.

Ao posicionar-se perante a sociedade, pautada pelos princípios da solidariedade, da ética e do bem comum, considerando a singularidade das culturas, a Companhia de Jesus fez sua opção, de modo consciente e autônomo, objetivando concretizar o proposto de sua missão: “a fé que promove a justiça”. Com base em sua missão, coloca como objetivo para a educação “a promoção do desenvolvimento intelectual de cada aluno” (1996, p.23), orientando-o para a ação, tendo como base uma “compreensão reflexiva e vivificada” (1996, p.23) do cotidiano, ao mesmo tempo que “desafia os alunos ao domínio de si mesmos e à iniciativa, integridade e exatidão” (1996, p.23). O conhecimento da realidade vai dar-se a partir da experiência que tem, na ação, o seu elemento mediador. A experiência “exige do indivíduo que seja sensível às conotações e matizes das palavras e aos acontecimentos, que analise e avalie as idéias, que raciocine” (1996, p.49).

A pedagogia inaciana tem, na experiência, o seu elemento constitutivo, propiciando, pela reflexão, que a pessoa humana chegue à compreensão de determinada realidade, conduzindo-a à ação responsável, aqui tomada no sentido de sua exterioridade. Essas orientações respondem a duas características essenciais, quais sejam, a de uma educação humano-científica reflexiva, lógica e crítica, aliada à preocupação de que cada ser humano desenvolva sua imaginação, afetividade e criatividade. Para Kolvenbach, apud Ugalde (2002, p. 6), a formação universitária será sólida e consistente se passar pela cabeça – compreensão intelectual, pelo coração – os afetos e as emoções e pelas mãos – a ação.

Tendo como fundamento que o ser humano vive em uma coletividade, a educação nas instituições jesuítas enfatiza e busca possibilitar situações vivenciais que ajudem o desenvolvimento de seus alunos para que se constituam como seres humanos solidários, criativos e inovadores. Assim se pronuncia o Superior Geral da Companhia de Jesus, Pe. Peter-Hans Kolvenbach, S.J.: “A variabilidade de programas, de serviços, de extensão, de inserção social e de contatos extracâmpus não podem ser opcionais e marginais, mas estar no cerne de todo projeto de estudos de cada universidade jesuíta”(2000, p.25). E, reafirma que “a universidade não é só lugar para aquisição de uma disciplina ou técnica, mas lugar de experiência e de vida para estudantes”(2001, encarte).

No Planejamento Estratégico da Associação das Universidades Jesuítas da América Latina – AUSJAL, encontramos o postulado “La Universidad es para servir (desde su especificidad universitaria) a la sociedad, para transformala, para contribuir a hacerla más justa y gobernable, con oportunidades y calidad de vida de todos, al alcance de su esfuerzo personal” (2001-05, p.35).

3.2 Voluntariado: Os Caminhos do Tema na UNISINOS

Na Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS, vinculada à Companhia de Jesus, temos no Plano Geral das Prioridades Institucionais 1999-2004, explicitado na Opção Estratégica – Crescimento e Desenvolvimento, o objetivo estratégico - “Criação ou incorporação de conceitos e modelos inovadores relevantes para as atividades universitárias” e como prioridade institucional de número quarenta e três, a diretriz de

“criação e implantação de projetos sociais alternativos, com voluntariado”.

Em 2001, constituiu-se um grupo de trabalho, composto por nove representantes de diferentes instâncias da Universidade, com a finalidade de propor um Programa de Voluntariado, atendendo a uma necessidade do Planejamento Estratégico da UNISINOS – PLANEST. O documento final, resultado das discussões e análises realizadas pela equipe que estudou o assunto, aponta, na introdução, para algumas questões, tais como a “função social da Universidade”, cuja característica, em nossos dias, é a pluralidade, a complexidade do mundo atual e as questões sociais como decorrência da contemporaneidade. Além disso, reforça um dos quatro pressupostos priorizados pela UNESCO, de que “aprender a aprender é o princípio da solidariedade” (2001, p.4-5).

Na justificativa, encontramos a afirmação de que “a comunidade acadêmica tem clamado por ações solidárias” e que “a procura por esse tipo de trabalho manifesta-se concretamente, quando a UNISINOS faz a chamada de alunos para o Projeto Universidade Solidária, do qual participa desde 1996”. Expõe, também, que “as duas experiências vivenciadas pelo Projeto Juventude Solidária em 1997 e 1998, em São Leopoldo e Sapucaia do Sul, envolveram 45 e 60 alunos, respectivamente”. Ressalta a justificativa como aspectos significativos para o aluno universitário, “o caráter interdisciplinar das ações” e “a interação com o poder público de seu município e/ou municípios de sua região”.

O Programa de Voluntariado tinha como objetivo geral

ampliar as ações solidárias da UNISINOS em sua comunidade com vistas à implementação de um trabalho voluntário de qualidade, por meio de proposições criativas, inovadoras e comprometidas com a Missão e o Credo desta

Universidade, fomentando a formação de sujeitos e a produção de conhecimento implicados com a transformação social, dinamizando o desenvolvimento regional e contribuindo para a distribuição equitativa do acesso aos avanços culturais, científicos, tecnológicos e socioeconômicos (UNISINOS, 1999).

Os objetivos específicos tinham como escopo

desenvolver ações voluntárias com vistas à formação ética e comprometida da Comunidade Acadêmica Permanente; responder às demandas possíveis, assessorando, coordenando e desenvolvendo ações solidárias de cunho voluntário; articular-se com os diversos segmentos da sociedade civil organizada para apoiar iniciativas de ações que visualizem a inclusão das pessoas e das comunidades para uma vida mais digna; assessorar as comunidades e os movimentos sociais organizados, bem como possibilitar a organização das pessoas na luta por seus direitos fundamentais; qualificar recursos humanos para o desenvolvimento de trabalhos voluntários (2001, p.12 e 13).

No “Diagnóstico da Situação Atual”, são elencados os programas, projetos e serviços em que há a ocorrência de “algumas experiências de trabalho voluntário”: Assessoria a Movimentos de Mulheres e Organizações Comunitárias (1 voluntário); Serviço Interdisciplinar de Atendimento e Pesquisa em Ensino e Aprendizagem – SIAPEA (4 voluntários); Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos – Supletivo de Trabalhadores (3 voluntários); Programa Interdisciplinar de Promoção e Atenção à Saúde – PIPAS (53 voluntários); Programa de Unidades Móveis em Saúde Coletiva – PRUMO (35 voluntários); Serviço de Assessoria e Pesquisa em Psicologia à Rede de Ensino – SAPPRE (4 voluntários); Projeto Social Plantas Medicinais (4 voluntários); Projeto Social Educação Ambiental (9 voluntários) (2001, p.15-6). Esses projetos serão, posteriormente, sistematizados e analisados nesta dissertação.

Finalmente, o grupo de trabalho propõe “um programa de voluntariado”, tendo como suporte “ações curriculares complementares”, estruturadas com os cursos de graduação; composição de um banco de dados; programa de capacitação para o trabalho voluntário

dirigido à comunidade acadêmica e às organizações da sociedade civil; oficina de projetos; a criação do fundo “real cidadão” (2001, p.22)³³. Até o momento da redação deste trabalho, o referido programa não havia sido implementado.

A par deste trabalho, institucionalmente, a UNISINOS buscou estabelecer, no plano teórico, o seu entendimento sobre o voluntariado, considerando a sua condição de universidade jesuíta. Coube ao Instituto Humanitas Unisinos - IHU, em 2002, a incumbência de organizar um grupo de trabalho composto por onze (11) pessoas, oriundas da Pró-Reitoria Comunitária e de Extensão e do Centro de Ciências Humanas, com o objetivo de estruturar um documento que servisse de referencial para o entendimento acadêmico do conceito de voluntariado, na UNISINOS. Os representantes eram pesquisadores do tema, gestores e executivos de extensão e ações comunitárias.

O documento é concluído, ainda em 2002, tendo como título “Uma Concepção de Voluntariado para a UNISINOS”. Ele foi estruturado em quatro perspectivas: “a primeira procura uma aproximação ao tema do voluntariado na história, situando-o no contexto político-social; a segunda busca o entendimento do voluntariado, tendo como base a Doutrina Social da Igreja; a terceira e a quarta explicitam a visão jesuíta sobre o voluntariado, aplicando-a à UNISINOS” (2002, p.1).

O documento suscita a necessidade de um estudo que permita analisar as relações que ocorrem entre o Estado e a sociedade civil, mediada por uma solidariedade crítica, pautada pela ética com vistas a uma sociedade justa (2002, p.5). Pensar uma sociedade

³³No “Programa de Voluntariado” (2001, p.22) encontramos que o “fundo 'real cidadão': capacitará e gerenciará os recursos financeiros para a execução dos projetos. As formas de captação podem ser: de pessoa física ou jurídica, contrapartidas institucionais, concorrência e editais, etc”.

justa, segundo Heller (1998, p.303), inclui bases normativas atuais de intercuro social, comunicação, entendimento mútuo, cooperação, etc. Isso significa que, ao conceito formal de justiça, devam ser aplicadas normas que estejam voltadas ao bem comum, considerando-se o espaço-tempo e a cultura em que esta formalidade será substantivada. Privilegiar uma cultura voltada para a solidariedade implica suscitar uma atitude sensível e crítica diante das injustiças que ocorrem na sociedade, que é dinâmica, complexa e convive com a permanente questão entre o “eu” e o “nós”.

Depois de tecer algumas considerações referentes ao Estado e “à ausência de projetos societários que mobilizem ações coletivas de grande porte”, o documento enfatiza:

Somos desafiados a discutir as configurações concretas que o voluntariado assume na história e na contemporaneidade, possibilitando-nos articular analítica e concretamente, suas dimensões assistenciais, políticas e transcendentais, como contraposição às propostas de inspiração liberal ou neoliberal que descaracterizam as vinculações do trabalho voluntário, a crise do Estado e o processo de transformação do mundo do trabalho assinalado pela precarização e pelo desemprego, fortalecendo a ideologia do individualismo dádívoso. (2002, p.6 e 7)

Tal discussão ensejaria a identificação dos valores institutivos de um trabalho voluntário que propugne o compromisso de identificar e selecionar estrategicamente, junto com os setores populares, os instrumentos e os mecanismos que possibilitem um empoderamento por parte de determinados grupos sociais.

O documento afirma que “a questão do mundo do trabalho na contemporaneidade é outro destaque fundamental nesta discussão” (2002, p.7). Portanto,

contextualizar, em um mundo globalizado, os desafios decorrentes da adoção da política neoliberal, entre os quais a precarização do trabalho, torna-se uma das responsabilidades de uma Instituição de Ensino Superior confiada à Companhia de Jesus.

Propiciar as condições para que o aluno possa entender o conhecimento científico e se aproprie dele, (re)ligando-o com as humanidades, possibilitar-lhe-ia descobrir caminhos para “tornar-se produtor de mudanças individuais e coletivas” (2002, p.7). Essa afirmativa nos remete a Morin (2000, p.51), para quem “a compreensão humana nos chega, quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos... É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão”.

A concepção de voluntariado está assentada na Doutrina Social da Igreja. No documento proposto pela equipe de trabalho, é destacado que a compreensão do tema ocorre tendo como base três categorias: caridade, solidariedade e subsidiariedade. Assim temos a caridade entendida como “compromisso de um amor ativo e concreto com cada ser humano” ... “a solidariedade emerge da compreensão de que todos e todas somos inter e retrorrelacionados/as” ... e “a subsidiariedade” considerada como princípio pelo qual “o Estado exercerá sua função sem, contudo, restringir as ações dos indivíduos naquilo que são capazes de conseguir por seus próprios meios” (2002, p.8 a 10).

O documento é enfático ao afirmar que

o voluntariado é chamado a viver intensamente a tensão entre o princípio da subsidiariedade e da solidariedade. Isso significa que ele não pode fazer o que cabe ao Estado fazer. Ele não pode substituir o Estado. Por outro lado, não pode ficar à mercê do livre jogo das leis do mercado. Manter esta tensão possibilitará que o voluntariado realmente seja algo novo no sentido da construção

da cidadania.

O terceiro tópico abordado pelo documento refere-se ao papel do voluntariado numa universidade jesuíta. São apresentadas as duas questões essenciais, quais sejam: “para que sociedade formamos?” e “que tipo de pessoa formamos?” (2002, p.12).

Buscando responder à indagação Para que sociedade formamos?, o documento afirma a existência de uma íntima interação entre universidade e sociedade”, decorrendo daí que “a universidade deve sentir-se interpelada pela sociedade e deve interpelar a sociedade” (2002, p.12).

Ao retratar a realidade, o documento apropria-se da análise realizada por Kolvenbach, para quem:

... a conversão do mercado e do interesse econômico em motor único da sociedade. Os espantosos resultados da globalização econômica tal como está sendo implantada, à margem de toda ética, saltam à vista: desumanização, individualismo, egoísmo, fragmentação social, aumento da separação entre ricos e pobres, exclusão, falta de respeito aos direitos humanos, neocolonialismo econômico, exploração, danificação do ambiente, violência, frustração (2001, p.45).

Apontando no sentido de que “hoje os problemas e as soluções não permanecem em âmbito local, eles adquirem uma dimensão global e mundial”, o documento explicita que “o voluntariado é um meio privilegiado para educar para uma globalização da solidariedade” (2002, p.13 e 14). E reafirma que “atingir a pessoa como um todo foi sempre o alvo principal das instituições jesuítas” e que a proposta pedagógica da UNISINOS deve objetivar “uma mudança de mentalidade e atitude”, considerando que a produção de

conhecimento implica “aprender a aprender” (2002, p.20).

O documento, ao afirmar que o “envolvimento pessoal com o sofrimento inocente, com a injustiça que outros sofrem, catalisa a solidariedade que então desperta a busca intelectual e a reflexão” diz ser este “o significado pedagógico do voluntariado” (2002, p.15). O debruçar-se sobre as situações em que a dignidade humana é atingida por atos injustos, os quais aprofundam desigualdades e geram sofrimentos e desesperança, em busca de alternativas, capazes de romper com esta lógica, passa a constituir-se num aspecto significativo do ato de ensinar.

Ao indicar como “elementos formativos”, “a experiência vivencial do serviço universitário em contato direto com as comunidades mais necessitadas, o conhecimento da história contemporânea do próprio país para compreender as causas da pobreza, a excelência profissional na respectiva área de estudos e o despertar para o sentido público para um critério de avaliação”, o referido documento está definindo os parâmetros norteadores para os quais deve o agir pedagógico estar voltado. Isso significa criar condições que ensejem a observação, a reflexão e o julgamento com vistas à ação. Para tal, há que serem desenvolvidas habilidades, possibilitadas experiências e construído conhecimento, tendo a solidariedade e a ética como ancoradouro. Aqui, competência técnica necessita estar associada tanto ao desenvolvimento de habilidades e atitudes como ao conhecimento da realidade política, social e econômica.

Finalmente, o documento enumera “algumas características” de um voluntariado que faz a diferença. Este voluntariado deve ser: “crítico e propositivo com vistas à transformação social, devido à necessária conexão entre sociedade e universidade; estar

inserido no processo de produção do conhecimento, objetivo específico da universidade; constituir-se como meio pedagógico de mudança de mentalidade e de atitude do voluntário, incidir sobre a sociedade que torna as pessoas beneficiadas protagonistas do processo, despertando a consciência cidadã. O voluntariado com essa concepção deve ser assumido pelas pessoas humanas que o exercem como projeto coletivo, e não como opção individual, e estar em contínuo processo de avaliação e planejamento de suas ações e iniciativas” (2002, p.20 e 21).

Assim, esse documento, Uma concepção de voluntariado para a UNISINOS, traz à luz esclarecimentos, pontua posições e define o significado do voluntariado para uma instituição de ensino superior da Companhia de Jesus e, em particular, para a UNISINOS. Todavia, uma vez finalizado, ele não foi publicizado. Isso significa que o seu conteúdo não foi discutido nem analisado pela comunidade da UNISINOS, que dele não se apropriou.

3.3 Extensão Universitária: O Lugar do Voluntariado

A Extensão Universitária constitui-se, no sistema de ensino superior brasileiro, junto com o ensino e pesquisa nas três funções sobre as quais se fundamenta esse nível do ensino. Primordialmente, ela tem como objetivo estabelecer a interligação entre a universidade e a sociedade.

Na UNISINOS, a extensão universitária integra a Pró-Reitoria Comunitária e de Extensão – PROCEX, sob a denominação de Diretoria de Extensão, que, em seu organograma, apresenta-se constituída pelos seguintes órgãos: a) Ação Comunitária; b)

Formação Contínua, com a Central de Eventos e o Setor de Apoio à Educação Permanente; c) Lazer e Esporte; d) Estágios; e) Coordenação Cultural e; f) Escritório de Gestão e Tecnologia.

Na Ação Comunitária, estão localizadas as atividades que se classificam em Projetos Permanentes, Projetos Interdisciplinares e Representações Externas. É neste lugar da estrutura da UNISINOS que estão situadas as atividades que têm como objetivo a oferta de um atendimento, sob a forma de assessoria ou prestação de serviço ou de capacitação, às comunidades desprotegidas da população. Cabe a esse órgão a coordenação dos programas, projetos e serviços, que têm como traços característicos fundantes estarem voltados para comunidades que apresentam dificuldades econômico-financeiras decorrentes do impacto produzido pela exclusão social que impede a uma parcela significativa da população de ter acesso aos bens fundamentais aos quais o ser humano tem direito. Portanto, este é um lugar particularmente importante para a consecução das orientações voltadas para a ação social que emergem dos documentos tanto da UNISINOS quanto da Companhia de Jesus.

Com referência às ações comunitárias, analisamos o relatório de 2001 da PROCEX, e apresentamos quadros-sínteses dos programas, projetos e/ou serviços, nos quais são encontradas indicações de possibilidades para que aconteça o voluntariado, contemplando: 1) apresentação, em que está definida a atividade proposta; 2) público alvo, no qual está identificado para quem a proposta se destina; 3) objetivo geral, que oferece uma visão global do que se pretende com a atividade; 4) objetivos específicos, os quais enunciam, metodologicamente, as ações a serem geradas para que se atinja o propósito. Também foi possível identificar o número de estagiários que participaram nas diferentes propostas desenvolvidas.

As áreas de conhecimento que constituem a base dos programas, projetos e serviços estão vinculadas ao Centro de Ciências Humanas, Centro de Ciências da Saúde, Centro de Ciências Jurídicas e Centro de Ciências Econômicas.

Com referência à apresentação dos programas, projetos e serviços, foi possível organizar a síntese que apresentamos a seguir.

<i>PROGRAMAS, PROJETOS E SERVIÇOS</i>	<i>APRESENTAÇÃO</i>
1) Programa de Ação Social na Zona Sul de São Leopoldo	<p>O Programa busca consolidar a formação ética e política não só da comunidade acadêmica, como também da comunidade em geral, por meio de ações contextualizadas que problematizem e ressignifiquem os modos de valorização da vida e da relação com o outro na sociedade contemporânea, com base nos princípios da formação cristã e da identidade inaciana.</p> <p>Para concretizar os objetivos do Programa, foram elaborados os seguintes projetos: 1- Resgate Histórico; 2- Formação de Lideranças; 3- Geração de Trabalho e Renda; 4- Formação Profissional; 5- Ações Socioeducativas; 6- Cidadania.</p>
2 Serviço de Assessoria a Movimentos de Mulheres e Organizações Comunitárias	<p>O serviço nasceu do encontro da demanda comunitária, em especial de agentes sociais vinculadas às comunidades de periferia de São Leopoldo, com o desejo e a possibilidade de a Universidade ampliar seus espaços de prestação de serviços nesta cidade.</p> <p>Hoje, passada uma década, novos contornos são delineados, sem contudo perder de vista a concepção crítica</p>

PROGRAMAS, PROJETOS E SERVIÇOS	APRESENTAÇÃO
	da profissão do assistente social e a vinculação com os movimentos sociais. Esta identidade fez com que se priorizassem as formas de organização já existentes, no caso, os chamados “grupos de mulheres”.
3 Serviço de Atenção, Pesquisa e Ensino com Crianças e Adolescentes – SAPECCA	<p>O Serviço de Atenção, Pesquisa e Estudos com Crianças e Adolescentes – SAPECCA, é uma proposta de expansão e ampliação do antigo Projeto Multidisciplinar de Meninos e Meninas de Rua de São Leopoldo.</p> <p>As atividades desenvolvidas centram-se em torno de processos educativos, nos quais o princípio básico é o exercício cotidiano da cidadania, por meio da participação trabalhada nos planejamentos, decisões e execuções de atividades que possuem como temas centrais a educação, a saúde, o mundo do trabalho e os movimentos sociais, e mais especificamente, junto às crianças e adolescentes, temas como sexualidade, drogas, violência, relações de gênero, dentre outros.</p>
4 Programa Interdisciplinar de Promoção e Atenção à Saúde – PIPAS	<p>O compromisso do PIPAS com a comunidade do Vale do Rio dos Sinos, foco imediato das suas ações extensionistas, está fundado na postura institucional que baliza a proposta de formação integral do aluno, tendo como um dos elementos mais importantes o conhecimento da realidade social e a sua implicação nos processos de mudança. No caso desse Programa, as condições de saúde e a crítica a um modelo de desenvolvimento excludente e gerador de baixa qualidade de vida.</p>
5 Serviço Interdisciplinar de Atendimento e Pesquisa em Ensino e Aprendizagem – SIAPEA	<p>O projeto procura desenvolver um trabalho de relevância social ao integrar-se na comunidade, por meio do atendimento de crianças e adolescentes com história de múltiplas repetências e ou regressão no processo de</p>

PROGRAMAS, PROJETOS E SERVIÇOS	APRESENTAÇÃO
	aprendizagens. Com esse objetivo, trabalha junto com as famílias e escolas na busca de novas significações para o ensino e a aprendizagem destes sujeitos.
6 Programa Unidades Móveis de Saúde Coletiva – PRUMO	<p>Em sintonia com os objetivos da própria Universidade, o PRUMO estabelece um espaço onde ela assume seu papel ético-social no que tange:</p> <ul style="list-style-type: none"> - ao seu compromisso de formar profissionais preparados para atuar na comunidade, de acordo com a realidade local, regional e nacional; - a sua contribuição efetiva na melhoria das condições de saúde da população e, conseqüentemente, de sua qualidade de vida; - ao apoio na construção do conhecimento, na troca de saberes sobre o processo saúde-doença contribuindo para a construção coletiva de projetos autogeridos de saúde integral.
7 Projeto Aulas de redação para vestibular para funcionários da UNISINOS	O projeto corresponde a um anseio de alguns funcionários, futuros universitários, de se prepararem melhor para o vestibular e favorece o exercício do voluntariado (partilha dos dons com os colegas de missão).
8 Projeto Vivendo e Aprendendo	Existem, na ADISINOS ³⁴ e no Grupo Maturidade do NUTTI ³⁵ , professoras aposentadas que se propuseram a facilitar a busca para promover a formação permanente e integral da pessoa humana e estimular a liderança na Terceira Idade.
9 Projeto Espaços de Solidariedade – E-SOL	O projeto Espaços de Solidariedade constitui-se como mais um entre tantos outros esforços da UNISINOS no sentido da ampliação de espaços e possibilidades de formação humanístico-social e do compromisso com o

³⁴Associação dos Ex-alunos da UNISINOS.

³⁵Núcleo Temático Terceira Idade.

PROGRAMAS, PROJETOS E SERVIÇOS	APRESENTAÇÃO
	desenvolvimento da região do Vale do Rio dos Sinos.
10 Serviço de Assistência Judiciária Gratuita – AJG	A AJG teve seu início por volta de 1980, com a união de alguns alunos do Curso de Direito. Mais tarde, a UNISINOS, por meio de um convênio com o PGE ³⁶ , continuou o serviço, num pequeno espaço na Antiga Sede. O referido convênio durou cerca de 13 anos e, a partir daí, a UNISINOS abarcou sozinha a AJG e, em 19/7/99, criou o Núcleo de Estágio e Prática Jurídica, designando um prédio na Antiga Sede para sua instalação. O Núcleo, atualmente, engloba a AJG, áreas cível e penal, e o Juizado Especial Cível, pelo convênio firmado com o Tribunal de Justiça do Estado.
11 Projeto Plantas Medicinais	Considerando que, no mundo todo, há um movimento crescente de volta ao uso de plantas medicinais pela fitoterapia, em substituição à alopatia; considerando ainda que se perdeu quase todo o conhecimento das plantas e seu uso, a UNISINOS, pela sua tradição em estudo, pesquisa, cultivo e manejo de plantas medicinais criou o Projeto “Plantas Medicinais”.
12 Projeto Ofi-Sinos	<p>O projeto Ofi-Sinos teve sua origem na coordenação do curso de Administração de Empresas Habilitação Recursos Humanos, mas no decorrer da elaboração do projeto constatou-se que o campo de trabalho era mais amplo estendendo-se a todo Centro de Ciências Econômicas.</p> <p>Posteriormente iniciou o processo de divulgação do projeto Ofi-Sinos na comunidade do Vale dos Sinos.</p> <p>Hoje o projeto está estruturado, realizando consultorias para as pessoas de classe de pouca renda e palestras, assegurando um serviço de qualidade,</p>

³⁶Procuradoria Geral do Estado.

<i>PROGRAMAS, PROJETOS E SERVIÇOS</i>	<i>APRESENTAÇÃO</i>
	comprometimento e ética profissional para com seus clientes.

As apresentações dos programas, projetos e serviços possibilitam detectar as origens que desencadearam as ações desde o seu nascedouro. Em seu conjunto, elas enunciam a pluralidade e a complexidade dos elementos que as permeiam: quer pela natureza da ação a ser desenvolvida, quer pelo conteúdo que lhe é inerente, quer pelos sujeitos envolvidos: crianças, adolescentes, adultos e terceira idade como comunidade externa, quer pelos alunos, professores e funcionários da comunidade interna da UNISINOS. Originariamente as ações surgem predominantemente como iniciativas da instituição, considerando tanto a necessidade de uma formação de seu aluno, como o de buscar espaços de integração junto à comunidade, inserindo-se por meio da oferta de serviços voltados para o atendimento de situações específicas.

Alguns programas, projetos e serviços estão voltados à construção da cidadania, a valorização da vida, o conhecimento da realidade social e as implicações nos processos de mudança e o atendimento de situações deficitárias na área de aprendizagem.

O público alvo está constituído pelo público externo da UNISINOS – comunidade da periferia da cidade de São Leopoldo e público interno da instituição: alunos, professores e funcionários.

<i>PROGRAMAS, PROJETOS E SERVIÇOS</i>	<i>PÚBLICO ALVO</i>
--	----------------------------

<i>PROGRAMAS, PROJETOS E SERVIÇOS</i>	<i>PÚBLICO ALVO</i>
1) Programa de Ação Social na Zona Sul de São Leopoldo	Moradores dos bairros Cohab Duque, Duque de Caxias, Justo, Santa Tereza, Kennedy e São Jorge, da cidade de São Leopoldo.
2 Serviço de Assessoria a Movimentos de Mulheres e Organizações Comunitárias	Mulheres, adolescentes, educadores (as) , agentes de pastorais sociais, lideranças ligadas a ONGs e movimentos sociais populares.
3 Serviço de Atenção, Pesquisa e Ensino com Crianças e Adolescentes – SAPECCA	Crianças e adolescentes e suas famílias.
4 Programa Interdisciplinar de Promoção de Atenção à Saúde – PIPAS	Público interno: Alunos de graduação e pós-graduação do Centro de Ciências da Saúde. Público externo: Comunidade do Vale do Rio dos Sinos.
5 Serviço Interdisciplinar de Atendimento e Pesquisa em Ensino e Aprendizagem – SIAPEA	- Crianças e adolescentes encaminhados por escolas, por serviços de atendimento de saúde e pelas famílias da região de abrangência da UNISINOS; - famílias das crianças encaminhadas ao serviço; - escolas de origem das crianças encaminhadas ao serviço; - professores/as das crianças e adolescentes encaminhados ao serviço.
6 Programa Unidades Móveis de Saúde Coletiva – PRUMO	Atualmente o PRUMO abrange quatro comunidades na Zona Norte de São Leopoldo: Vila Parque Mauá, Vila Parque Campestre, Vila Santa Helena, Vila Santa Marta.
7 Projeto Aulas de redação para vestibular para funcionários da UNISINOS	Funcionários da UNISINOS.
8 Projeto Vivendo e Aprendendo	Grupo Maturidade do NUTTI.
9 Projeto Espaços de	Direto: Comunidade Acadêmica (Alunos e Professores

PROGRAMAS, PROJETOS E SERVIÇOS	PÚBLICO ALVO
Solidariedade – E-SOL	dos Cursos de Graduação). Indireto: Comunidades populares e organizações sociais de interesse público.
10 Serviço de Assistência Judiciária Gratuita – AJG	Para ser estagiário: ser aluno do Curso de Direito que tenha concluído a disciplina de Estágio I e que tenha disponibilidade de estagiar dois turnos por semana e permanecer no mínimo dois (2) semestres. Para ser cliente: Deve ter uma renda mensal de até três salários mínimos e o processo deve transitar em São Leopoldo.
11 Projeto Plantas Medicinais	Professores, funcionários e alunos da UNISINOS; público em geral.
12 Projeto Ofi-Sinos	Comunidade de baixa renda e alunos do Centro de Ciências Econômicas.

Pode-se observar que há programas, projetos e serviços que estabelecem critérios para que os integrantes da comunidade, tanto interna quanto externa, possam participar. No que se refere à comunidade externa, estão definidos critérios, como moradores de bairros selecionados; ser: mulher, criança, adolescente, educador, agente de pastoral, liderança ligada a ONGs e movimentos sociais populares; da família das crianças e adolescentes atendidos; escolas de origem das crianças; limite para a renda mensal; ser integrante do NUTTI.

Para a comunidade interna: os alunos devem ter concluído disciplinas específicas e, para atuar na AJU, é exigida a permanência de, no mínimo, dois semestres com uma periodicidade de dois turnos por semana.

O objetivo geral enuncia, por meio do discurso, a ação a que se propõe cada programa, projeto e serviço. Ele dá a orientação capaz de produzir a identificação de vontades a serem potencializadas por meio da ação.

PROGRAMAS, PROJETOS E SERVIÇOS	OBJETIVO GERAL
1) Programa de Ação Social na Zona Sul de São Leopoldo	Proporcionar um processo de educação que permita dar aos envolvidos no programa os meios para gerar uma ação transformadora das atuais condições da sociedade, propiciando uma experiência de participação cidadã, tanto por parte da comunidade local, quanto da comunidade acadêmica.
2 Serviço de Assessoria a Movimentos de Mulheres e Organizações Comunitárias	Fortalecimento da organização das mulheres e grupos comunitários voltados para a educação popular e conquista da cidadania.
3 Serviço de Atenção, Pesquisa e Ensino com Crianças e Adolescentes – SAPECCA	Desenvolver um trabalho integrado entre Universidade e Comunidade, visando a contribuir na construção e exercício da cidadania das crianças e adolescentes.
4 Programa Interdisciplinar de Promoção e Atenção à Saúde – PIPAS	1- Desenvolver práticas em saúde, integradas ao âmbito do ensino e da pesquisa. 2- Participar dos problemas da comunidade local, incentivando os processos autogestivos para a melhoria da qualidade de vida.
5 Serviço Interdisciplinar de Atendimento e Pesquisa em Ensino e Aprendizagem – SIAPEA	
6 Programa Unidades	O PRUMO visa ao atendimento integral das

PROGRAMAS, PROJETOS E SERVIÇOS	OBJETIVO GERAL
Móveis de Saúde Coletiva – PRUMO	comunidades, por meio do desenvolvimento de atividades educativas numa visão interdisciplinar que estimulam o crescimento comunitário participativo, tendo o homem como agente de sua mudança. A Universidade insere-se no meio não como provedor de saber, mas como agente participativo no desenvolvimento de alternativas que visam ao crescimento, à tomada de consciência e à reconstrução do homem e, dessa forma, exercita a cidadania. Outrossim, serve de laboratório na formação acadêmica na medida em que propicia a vivência prática do acadêmico e permite que ele seja agente de sua formação mediante a reflexão-ação.
7 Projeto Aulas de redação para vestibular para funcionários da UNISINOS	Promover educação e assistência, oferecendo aulas de Redação em preparação ao vestibular de 08 e 09 de julho – 2002, destinado a funcionários da UNISINOS.
8 Projeto Vivendo e Aprendendo	
9 Projeto Espaços de Solidariedade – E-SOL	Contribuir para a formação humanístico-social dos alunos da Universidade, através da prática do voluntariado.
10 Serviço de Assistência Judiciária Gratuita – AJG	Oportunizar a prática jurídica aos alunos.
11 Projeto Plantas Medicinais	Divulgação do uso de plantas medicinais à comunidade.
12 Projeto Ofi-Sinos	Desenvolver um projeto social para atendimento à classe de baixa renda, proporcionando aos alunos do Centro de Ciências Econômicas a prática da consultoria e pesquisa.

Constatamos que somente o Projeto Espaços de Solidariedade – E-SOL, em seu objetivo geral, tem enunciada a prática do voluntariado como meio pelo qual será buscada

a consecução da ação proposta.

Os objetivos específicos identificam as ações escolhidas como alternativas para que seja alcançado o objetivo geral proposto. Eles expressam, pelas opções adotadas para um agir, quer sejam analisados os programas, projetos e serviços em sua individualidade, quer tomados em seu conjunto, a intenção a ser materializada.

<i>PROGRAMAS, PROJETOS E SERVIÇOS</i>	<i>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</i>
1) Programa de Ação Social na Zona Sul de São Leopoldo	<p>1- Proporcionar atividades socioeducativas que visem ao desenvolvimento integral da pessoa humana, promovendo sua inserção na comunidade.</p> <p>2- Estimular e promover a permanente formação de lideranças na comunidade local, por meio de atividades específicas e com apoio e incentivo de organismos e de profissionais especializados.</p> <p>3- Planejar e desenvolver atividades de treinamento técnico-profissionalizante que possibilitem o acesso da população abrangida pelo programa ao conhecimento e ao domínio de modernos recursos tecnológicos.</p> <p>4- Fomentar iniciativas de geração de trabalho e renda para diferentes grupos da comunidade, a partir de estudos da realidade local, em parceria com organismos técnico-administrativos especializados.</p> <p>5- Desenvolver atividades de formação e informação sobre os direitos fundamentais da pessoa humana no mundo atual e viabilizar orientações e encaminhamentos sobre situações concretas demandadas pelas comunidades, viabilizando, assim, o acesso aos direitos de cidadania.</p>
2 Serviço de Assessoria	1- Assessorar grupos de mulheres, respondendo as

PROGRAMAS, PROJETOS E SERVIÇOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
<p>a Movimentos de Mulheres e Organizações Comunitárias</p>	<p>demandas postas pelo processo de organização popular.</p> <p>2- Formar educadores na perspectiva da educação popular.</p> <p>3- Refletir, avaliar e propor alternativas que contribuam com o planejamento das políticas sociais voltadas aos interesses e necessidades da mulher.</p> <p>4- Informar e instrumentalizar a mulher para a defesa dos direitos sociais.</p> <p>5- Aproximar pessoas, grupos e entidades que apóiam o movimento das mulheres ou afins, visualizando a formação de redes.</p> <p>6- Apoiar programas de geração de renda.</p>
<p>3 Serviço de Atenção, Pesquisa e Ensino com Crianças e Adolescentes – SAPECCA</p>	<p>1- Proporcionar acesso e estimular o retorno das crianças e adolescentes para a escola formal.</p> <p>2- Sensibilizar a família e a comunidade para que, juntas, possam desenvolver trabalhos educativos.</p> <p>3- Estimular a participação da criança e do adolescente nas discussões, elaborações e execuções dos programas desenvolvidos.</p> <p>4- Proporcionar momentos de lazer para as crianças e adolescentes.</p> <p>5- Proporcionar conhecimentos básicos sobre o mundo do trabalho e suas constantes reconfigurações.</p> <p>6- Estudar temas da infância e da juventude, como sexualidade, drogas, violência, abandono, dentre outros.</p> <p>7- Pesquisar a situação das crianças e adolescentes, principalmente dos excluídos dos processos econômico, social, político e cultural, na cidade de São Leopoldo.</p> <p>8- Desenvolver programas educativos nas diversas áreas: saúde, educação e políticas públicas.</p>

PROGRAMAS, PROJETOS E SERVIÇOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
	<p>9- Realizar convênios com outras entidades com o intuito de desenvolver trabalhos educativos e profissionalizantes.</p> <p>10- Representar a UNISINOS, assessorando projetos que estejam relacionados com crianças e adolescentes.</p> <p>11- Difundir e contextualizar o Estatuto da Criança e do Adolescente.</p>
<p>4 Programa Interdisciplinar de Promoção e Atenção à Saúde – PIPAS</p>	<p>1- Incentivar as práticas coletivas, no âmbito da equipe e da comunidade.</p> <p>2- Oportunizar aos alunos de graduação e de pós-graduação campo de estágio e de práticas disciplinares.</p> <p>3- Retroalimentar os cursos de graduação e pós-graduação com conhecimento oriundo das atividades de extensão.</p> <p>4- Oferecer consultoria e assessoria em saúde.</p> <p>5- Divulgar os trabalhos desenvolvidos no Programa.</p>
<p>5 Serviço Interdisciplinar de Atendimento e Pesquisa em Ensino e Aprendizagem – SIAPEA</p>	<p>1- Oferecer um trabalho de relevância social à comunidade, ou seja, desenvolver o ensino, a pesquisa e a extensão por meio do trabalho comunitário e social.</p> <p>2- Reconhecer o sujeito como um ser plural em suas múltiplas relações com a cultura e a sociedade.</p> <p>3- Desenvolver o processo de ensino e aprendizagem dentro de uma perspectiva de significação cultural, buscando aprender com a diferença e, no trabalho interdisciplinar, uma forma de trabalho em que a complexidade desse processo possa ser pesquisada, analisada e atendida em suas especificidades pelos diferentes cursos que integram o serviço.</p> <p>4- Desenvolver possibilidades de aprendizagem do/a aluno/a com vistas à qualidade do seu desempenho escolar.</p>

PROGRAMAS, PROJETOS E SERVIÇOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
	<p>5- Possibilitar a relação entre família, escola e a aprendizagem, buscando a construção de um sujeito capaz de realizar diferentes e múltiplas aprendizagens.</p> <p>6- Proporcionar à Universidade um espaço para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão.</p>
6 Programa Unidades Móveis de Saúde Coletiva – PRUMO	
7 Projeto Aulas de redação para vestibular para funcionários da UNISINOS	
8 Projeto Vivendo e Aprendendo	<p>1- Oportunizar a prática da leitura e da escrita, de forma a fortalecer estes hábitos.</p> <p>2- Estimular o acesso ao desenvolvimento intelectual e cultural através da análise de fatos históricos sobre o Brasil e a Antiguidade.</p> <p>3- Atualizar os conhecimentos de Geografia sobre o Brasil e a América.</p>
9 Projeto Espaços de Solidariedade – E-SOL	Estimular a participação dos universitários em ações solidárias de promoção ao desenvolvimento social e humano, junto às comunidades populares e/ou organizações sociais de cunho ético e solidário, no âmbito geoeducacional da UNISINOS.
10 Serviço de Assistência Judiciária Gratuita – AJG	Qualidade na prestação do serviço à comunidade carente.
11 Projeto Plantas Medicinais	<p>1- Formar uma coleção identificada de plantas medicinais.</p> <p>2- Promover cursos, palestras, prestar assessoria e consultoria, buscando difundir o cultivo e a utilização de</p>

<i>PROGRAMAS, PROJETOS E SERVIÇOS</i>	<i>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</i>
	plantas medicinais. 3- Assessorar cooperativas e incentivar o cultivo de plantas medicinais, objetivando apoiar os municípios na criação de novas empresas agroindustriais, empregos e renda como forma de fontes alternativas de receita.
12 Projeto Ofi-Sinos	Programa de cunho social, que visa a prestar a orientação profissional e empresarial, por meio de consultoria gratuita à comunidade de baixa renda e a microempresários da região do Vale dos Sinos.

O estímulo a que alunos participem em ações voluntárias, está presente no projeto Espaços de Solidarietà – E-SOL. Considerando que estamos trabalhando com um universo de 12 programas, projetos e serviços, voltados à ação social, a ocorrência em uma única situação da possibilidade de uma experiência cuja ação está voltada para o voluntariado, equivale dizer que a oferta é de 8,33%.

Os programas, projetos e serviços prevêm funções em que possa ocorrer a participação dos alunos. Nos relatórios analisados, encontramos as seguintes funções: prática de disciplina; bolsista de pesquisa; bolsista de extensão; monitor; estagiário voluntário; estagiário curricular; estagiário extracurricular; aluno de especialização. Para o presente estudo nos deteremos na função Estágio e, em específico, a de estágio voluntário.

A resolução nº002/2001 define as condições, os procedimentos gerais e o desenvolvimento de estágios no âmbito da UNISINOS. São definidas três modalidades de estágio: estágio obrigatório, estágio remunerado e estágio voluntário.

Estágio obrigatório: corresponde à atividade integrante do currículo de curso a que o aluno se acha vinculado, obedece a exigências e programação didático-pedagógicas, bem como a requisitos técnico-profissionais, definidos pelos órgãos de ensino competentes, não é remunerado e seu cumprimento satisfatório constitui requisito obrigatório para a conclusão do respectivo curso.

Estágio remunerado: não é exigido pelo currículo do respectivo curso, compreende a realização de atividades de treinamento prático e complementação da aprendizagem, ligadas direta e especificamente à área de formação profissional do aluno e é remunerado sob a forma de créditos acadêmicos.

Estágio voluntário: não é requisito curricular, exige estrita relação com o curso ou área de formação do aluno, compreende a participação não remunerada e voluntária do estudante, exclusivamente em iniciativas de interesse social, tais como projetos de ação comunitária e serviços assistenciais, de responsabilidade da Universidade.

Os relatórios analisados informavam que, em 2001, houve a participação de 59 (cinquenta e nove) alunos em estágio obrigatório, não houve a participação de alunos em estágio remunerado e 25 (vinte e cinco) atuaram em estágio voluntário, ou seja, de um total de 84 estagiários, 29,76% corresponde à participação discente voluntária aos programas, projetos e serviços que estão vinculados à Ação Comunitária / PROCEX.

Esses dados, comparados ao número de alunos dos cursos de graduação, para o

mesmo período, o qual totalizava 31.130 (trinta e um mil, cento e trinta) acadêmicos matriculados, segundo dados da Coordenação de Registros Acadêmicos, é muito pequeno – 84 estagiários, correspondendo a 0,26% desse universo.

É possível verificar, pelos documentos, que não há a função “voluntariado”, compondo uma possibilidade de inserção nos programas, projetos e serviços que configuram as ações comunitárias da PROCEX. Isso é decorrente da natureza dos programas, projetos e serviços, considerando que os mesmos se constituem como extensão universitária, sob a denominação de ação comunitária os quais, necessariamente, contam com a orientação docente junto ao aluno.

Para a coordenadora de ações comunitárias

o voluntariado dos alunos da UNISINOS tem uma característica muito especial. Eles buscam ser voluntários porque a Universidade oferece espaços de ação comunitária: programas, projetos e serviços, os quais se constituem em espaços privilegiados de formação. O aluno busca ser voluntário porque ele tem um espaço para sua formação profissional, tendo em vista que ali há professores da Universidade, pagos pela Universidade para coordenar aquele programa ou aquele projeto³⁷.

Em outra perspectiva, é referido o Programa de Ação Social na Zona Sul de São Leopoldo. Este Programa oferece espaço para o voluntariado, considerando a vontade e a gratuidade de professores, alunos e funcionários³⁸ disponibilizarem seus conhecimentos em específico de informática, independentemente da formação profissional. Nesse aspecto, o programa opõe-se às demais ações comunitárias onde os alunos buscam o voluntariado como

³⁷Depoimento dado durante o seminário “Por que ser voluntário? - Em busca da solidariedade cidadã”, promovido pelo Laboratório de Pesquisas sobre Políticas Públicas e Terceiro Setor, ocorrido em 2003, na UNISINOS.

³⁸No relatório de 2001, consta que o Programa de Ação Social na Zona Sul de São Leopoldo contava com a participação voluntária de 1 (uma) professora e 16 (dezesesseis) voluntários entre alunos e funcionários.

aprimoramento ao currículo profissional. O Programa está localizado no Instituto Humanitas Unisinos – IHU e, no momento dessa pesquisa, o atendimento na área de informática estava beneficiando quase 120 (cento e vinte) pessoas da comunidade.

A coordenadora de ações comunitárias anuncia que “os alunos procuram outros projetos voluntários fora da Universidade”. Essa informação é referendada pelos dados do relatório parcial da pesquisa “Motivações e Práticas Voluntárias na UNISINOS: resgate da condição humana ou neo-individualismo?”. Essa pesquisa definiu como critérios o recorte de gênero e a realização de práticas sociais no processo formativo. Os cursos que atendiam a esta delimitação eram Educação Física, Enfermagem, Nutrição, Pedagogia, Psicologia e Serviço Social. Os estudantes deveriam, pelos critérios adotados, estar inscritos em Trabalho de Conclusão, em seus respectivos cursos (2003, p.2 e 20). De um universo de 147 alunos formandos, 37 foram entrevistados, ou seja, 25,2%, dessa amostra, verificamos que 70,3%, correspondendo a 26 formandos, haviam referido a participação em uma atividade voluntária, 7 formandos informaram a participação em duas experiências de voluntariado e 3 formandos participaram em três atividades como voluntários (2003, p.23). A referida pesquisa aponta as instituições escolhidas pelos alunos para a realização de sua experiência do voluntariado, predominando aquelas que atuam no ensino – 23, na saúde – 15, na abrigagem – 04 e nas igrejas – 05. Dos 23 trabalhos realizados em instituições de ensino, 09 referiam-se aos programas, projetos e serviços da UNISINOS, significando uma minoria em relação ao universo pesquisado (2003, p.240).

Segundo a coordenadora, há demanda de instituições que procuram a UNISINOS em busca de auxílio. Para resolver esta situação, as solicitações são

disponibilizadas, sob a forma de informação, no site da Central de Estágios / PROCEX, e os alunos fazem o contato diretamente com a instituição solicitante. Novamente, a referência está centrada sob a forma de estágio, com regras definidas pela Universidade. Observamos que tanto os dados do relatório como as informações da Coordenadora de Ações Comunitárias sinalizam o caráter extensionista do voluntariado na UNISINOS. Um dado relevante a salientar é que, no documento “Uma concepção de voluntariado para a UNISINOS”, está explicitado o pronunciamento do Pe. Kolvembach, Superior Geral da Companhia de Jesus: “a variedade de programas de serviço, de extensão, de inserção social e de contatos extracâmpus não podem ser opcionais e marginais, mas estar no cume de todo o projeto de estudos de cada universidade jesuíta” (2002, p.16).

A presente pesquisa informa que tão somente 0,08%, ou seja, 25, de um total de 31.130 alunos matriculados em cursos de graduação, participaram em programas, projetos e serviços, atuando voluntariamente em projetos sociais. Também, fica claro que esta inserção ocorre, institucionalmente, por meio da extensão universitária.

O documento “Uma concepção de voluntariado para a UNISINOS” cita os “quatro elementos formativos” que podem servir como critérios de avaliação das universidades da Companhia de Jesus, situadas na América Latina. Dois desses critérios, quais sejam: “passar por experiência vivencial de serviço universitário em contato direto com comunidades mais necessitadas e despertar para o sentido do público”, são consideradas no documento como passíveis de serem atingidas “se o universitário entrar em contato direto com realidades sociais que despertem para o compromisso ético vital e para o sentido do público” (2002, p.16-7). O mesmo documento afirma que o “voluntariado crítico objetiva o

despertar para essa consciência” (2002, p.17).

Uma das interrogações que se apresenta é a de como conciliar as orientações dos documentos da Companhia de Jesus e a realidade detectada pela pesquisa, considerando fontes documentais da UNISINOS. Salientamos que essas fontes documentais referem-se aos programas, projetos e serviços que têm na ação social o seu foco e onde são encontradas as possibilidades para o exercício do voluntariado.

4 VOLUNTARIADO NA UNISINOS: OS DISCURSOS

O critério real de nossas universidades jesuíticas consiste no que nossos alunos se tornam.

Peter-Hans Kolvenbach (2001, p.24)

Neste capítulo, apresentamos o discurso da UNISINOS sobre o voluntariado em diferentes lugares, considerando a estrutura hierárquica administrativa da Universidade, com o intuito de conhecê-lo.

Para Arendt (2002, p.26), “nossas atividades espirituais são concebidas em palavras antes mesmo de serem comunicadas, mas a fala é própria para ser ouvida e as palavras são próprias para serem compreendidas por outros que também têm a habilidade de falar...”.

As entrevistas possibilitaram conhecer o discurso dos sujeitos que ocupam diferentes lugares, quer administrativos, quer acadêmicos, na UNISINOS. Adotamos a posição de Lozano, Peña-Marin e Abril de que “tanto o significado de uma expressão como a função que cumpre dependem fundamentalmente da situação em que ocorrem” (2002, p.100).

O discurso ocasiona, em sua trajetória, o desencadear de sentimentos pelo fato de ser uma ação que, ao emergir da interioridade do sujeito, carrega consigo uma gama de subjetividade daquele que é seu emissor. Por essa razão, a ressonância que decorre dessa ação incide de forma direta sobre aquele que está no pólo de recepção, podendo gerar os mais diversos sentimentos, expectativas, desejos e anseios.

O tratamento dado às entrevistas buscou agrupar pontos de confluência – as categorias, as quais foram elencadas e analisadas, tendo como pressuposto estabelecer os nexos necessários que auxiliaram a responder à questão proposta para essa pesquisa - “Qual é o discurso da Universidade do Vale do Rio dos Sinos sobre o Voluntariado?”

Os entrevistados foram agrupados considerando o lugar que ocupam na estrutura da Universidade. Como decorrência desse critério, foi possível organizar três grupos, com a seguinte identificação: GAS – Gestores da Administração Superior; CAC – Coordenadores de Ações Comunitárias (programas, projetos e serviços) e CCG – Coordenadores de Cursos de Graduação.

Pelas entrevistas foi possível identificar palavras-chaves que, tendo o voluntariado como elemento central e apoiado pelas teorias e documentos orientadores, auxiliassem na compreensão do discurso dos entrevistados. As palavras-chaves foram organizadas em grupos, levando-se em conta o vínculo lógico existente entre elas, para efetuar a análise com vistas à compreensão do discurso sobre o voluntariado, considerando-se diferentes lugares e espaços. Foi possível, assim, estabelecer quatro grupos para a análise: concepção, percepção e posição; motivos, incentivos e estímulos; trabalho voluntário e ação política; orientação e compromisso institucional.

4.1 Concepções, Percepções e Posições sobre o Voluntariado

Aqui, a abordagem de análise vai considerar aspectos que dizem da

singularidade de cada um dos entrevistados e da representação que fazem do tema, concebendo a relação espaço-lugar por eles ocupados. Significa dizer que estão apresentados o entendimento que os entrevistados têm sobre o voluntariado, como eles fazem essa apreensão como representação mental do tema e como eles se colocam frente à situação.

A concepção que o ser humano tem acerca de determinado objeto está relacionada com o modo de entender o mundo, de como são estabelecidas as relações entre os seres humanos e, entre esse, com os demais seres do ambiente, o seu lugar no grupo social, e este na sociedade.

(...) “Se eu fosse pensar o voluntariado, pensaria numa militância ativa, que faz uma determinada ação, mas ela ultrapassa um ato voluntário instantâneo. Está nesta utopia, nesta visão mais estratégica.” (CAC)

(...) “Acho que o voluntariado, ele tem um apelo. Por um lado, acho que tem uma coisa muito positiva, que tem apelo à solidariedade, ao despertar de uma consciência social ou um olhar ao outro.” (CCG)

(...) “O trabalho voluntário, acho que é uma iniciativa maravilhosa. Uma coisa que nasce de cada pessoa. Ela que opta, ela que escolhe. A própria palavra já diz: voluntário, não é obrigado.” (CCG)

Os elementos que concorrem para que cada ser humano gere o seu entendimento sobre determinado objeto, estão associados à sua experiência de vida; aos

valores culturais por ele assimilados desde a ação educativa, julgando-a como um processo contínuo e inacabado; ao saber assimilado em sua trajetória pela busca do conhecer empírico para chegar ao conhecimento como abstração e das interações por ele realizadas no cotidiano.

A concepção, portanto, como categoria abstrata, vai, no mundo concreto, ganhar materialidade por meio do discurso. Ela compõe o campo da subjetividade da pessoa humana e, como decorrência, apresenta-se como una e singular. Porém, o ser humano não desenvolve apenas a capacidade de conceber o mundo. Ele também o percebe. Essa faculdade, ou seja, a percepção, desenvolve-se por meio dos sentidos e do intelecto, em uma unidade em que subjetividade e razão soldam-se para construir a representação do objeto ou coisa apreendidos. Para Silva (2000, p.85), a mediação entre o objeto do conhecimento e o sujeito que o assimila se dá, então, através de uma percepção sensível.

As entrevistas apontaram para a seguinte percepção com relação ao voluntariado:

(...) “Para tudo o que ocorre na Universidade, não existe uma percepção homogênea. Eu acho que esse aspecto dos projetos sociais, todas as pessoas que são mais ligadas às áreas humanas e da saúde têm uma visão diferente da do pessoal das áreas técnicas e econômicas.” (GAS)

(...) “Eu acho que a própria realidade da Universidade está mostrando que tem que se pensar diferente, para pensar o voluntariado. Eu acho que a gente não tem que ser autoritário, tem que discutir o tema sem reducionismo, sem uma falsa idéia de que o

voluntariado agora é a solução para uma questão social que exige mudanças de fundo, estruturais e que, talvez, na minha compreensão, exige até um modelo de sociedade. Ao mesmo tempo, tem setores dentro da Universidade, como o nosso Centro, como o Instituto Humanitas, que vêem o voluntariado de uma forma crítica dentro deste contexto, o que não me parece que é a idéia do conjunto da Universidade.” (CAC)

A representação por envolver os sentidos na apreensão do objeto terá como característica a singularidade de que é dotada o próprio ser. Isso explica o porquê das diferentes percepções que as entrevistas indicaram. A representação diz do modo como cada ser humano entende o mundo que o rodeia, tendo no imaginário um elemento significativo na sua constituição. Portanto, a representação é, para cada sujeito, a codificação daquilo que os sentidos e a razão compreenderam. Por essa razão, as representações não se encontram, no mundo das aparências, de forma homogênea.

Como decorrência da concepção e da percepção sobre determinado objeto ou coisa, o ser humano emite o seu posicionamento, ou seja, emite a sua opinião ou assume uma posição.

Assim, nas entrevistas, identificamos diferentes posições com relação ao voluntariado:

(...) “Eu vejo o voluntariado como algo positivo do ser humano em relação aos outros. Isso é uma dimensão humana em que as pessoas, ao ajudarem os outros, crescem e saem do isolamento do tédio, portanto, se sentem úteis.” (GAS)

“ Voluntariado não é mero assistencialismo, mas é a qualificação das próprias instituições.” (GAS)

(...) “Eu acho que é o lugar que dá espaço para as pessoas que já se aposentaram; pessoas que já não necessitam de remuneração para viver; possam ter atividades de modo que a vida fique mais digna.” (GAS)

(...) “A pessoa precisa acreditar em uma causa e não por interesse, por prestígio. Abraçar e levar adiante como se fosse uma atividade profissional própria.” (CAC)

(...) “Eu acho que ele é importante, na medida em que o voluntário se coloca numa posição crítica frente à sociedade em que ele se encontra. Acho que o trabalho voluntário cabe muito bem dentro das Organizações Não-Governamentais.” (CAC)

(...) “Eu sou um pouco descrente dessa questão do trabalho voluntário. O que eu acredito, sim, é numa discussão de pessoas que estão disponíveis para contribuir com algum tipo de causa social e essas pessoas tenham uma proposta voltada para a mudança social.” (CAC)

Cabe realizar algumas considerações sobre as entrevistas apresentadas:

1 – O ser humano, ao emitir seus posicionamentos, o faz com os valores e princípios que ele adotou, mas que lhe foram apresentados, por meio da educação, pela

sociedade em que ele se insere, pois segundo Shaff (1967, p.166) “toda escolha consciente é feita em virtude de um determinado sistema de valores”. Assim, ainda conforme Shaff (1967, p.166) “o indivíduo que faz a escolha, realiza a sua liberdade e se limita, ao mesmo tempo, de certa forma, porque determina a orientação das suas escolhas futuras”.

2 - As faculdades de conceber, perceber e posicionar-se fazem parte do processo de individuação de cada ser humano. O processo de individuação, concebido desde a experiência vivenciada pelo ser humano, capaz de fazê-lo compreender a sua individualidade, potenciando-lhe o processo de individualização é, para Touraine (2001, p.120), “o caminho que conduz mais diretamente à solidariedade e à fraternidade.

3 - As representações, quando decodificadas pelo discurso, podem ensejar distorções, portanto, devemos ter o cuidado de não tomá-las em sua forma absoluta, mas de dotá-las de certa relatividade.

4 - Considerando que o ser humano está em um contínuo processo de conhecimento e autoconhecimento, em que o movimento apresenta-se como principal característica, é provável que a concepção, a percepção e o posicionamento tido em um determinado espaço-tempo, possam sofrer modificações.

5 - As representações singulares quando localizadas em um grupo social podem construir a noção de representação social, que, para Cardoso (2000, p.85), “pressupõe a idéia de um modo particular do conhecimento real, compartilhado por uma comunidade de indivíduos”.

6 - A coexistência dessa pluralidade necessita do diálogo como elemento mediador. A busca de um entendimento sobre o voluntariado na UNISINOS, respeitando o código simbólico que expressa os seus valores, assim como os documentos orientadores que dizem quem é, a que se propõe e o que faz a instituição, como uma construção coletiva, não pode prescindir do diálogo.

A Universidade, como instituição voltada à educação, é detentora de condições que podem conduzir seus alunos ao conhecimento da realidade. Esta afirmação está associada ao fato de que é pelo ato de conhecer que o ser humano poderá mudar sua concepção e percepção acerca de determinado objeto e, como consequência, modificar seu posicionamento. Embasando essa assertiva, temos um elemento formativo apontado pela AUSJAL (2002, p.16): passar por experiência vivencial de serviço universitário em contato direto com comunidades mais necessitadas. Portanto, será pela experiência, no contato direto com uma comunidade, que ocorrerão as condições necessárias para o engajamento no voluntariado crítico.

4.2 Motivos, Incentivos e Compromissos para o Exercício do Voluntariado

O entrelaçamento dos motivos, incentivos e compromissos está intimamente relacionado com a ação voluntária que o ser humano pratica pelo exercício da autonomia de sua vontade, de forma consciente e livre e que convive com a tensão existente entre “o querer” e o “não-querer”. Para Heller (1995, p.108), “La acción es una consecuencia de la decisión, la decisión es una consecuencia de la deliberación...”. A decisão que o ser humano

assume ao optar pelo voluntariado traz, conscientemente ou não, a idéia de gratuidade. O que vai caracterizar uma gratuidade será o conjunto formado pelos motivos, incentivos e compromissos que ali permearem.

As entrevistas apontaram, os motivos e incentivos que levam as pessoas a mobilizarem-se para o voluntariado.

1- “Nunca me passou pela cabeça usar esse trabalho na entidade para fins ou interesses pessoais.” (CAC)

2- “Muitas vezes, a pessoa vai para o trabalho voluntário como uma forma de tentar ser uma ponte para ela ter um trabalho Então, se considera voluntário um leque de pessoas, que vai desde uma pessoa que faz isso por altruísmo, por uma motivação de ordem religiosa, ideológica, até alguém que faz só para limpar a consciência, para descontar no Imposto de Renda ou para ter projeção social, que a gente vê muito isso ainda”. (GAS)

3- “Com todo este maquiamento do voluntariado, com esta culpabilização que as pessoas têm, elas, de certa forma, se aliviam das culpas, extravasam, fazendo trabalhos voluntários.” (CAC)

4- “Mesmo que tenha um olhar para o outro, ainda é muito a partir de seus próprios interesses.” (CAC)

Os motivos apresentados podem ser agrupados como decorrentes:

a) Da solidariedade: procede do fato de a pessoa humana ser um indivíduo de relações, um ente social. É próprio da condição humana a cooperação que pode ocorrer em diferentes níveis e segmentos. Essa ação dá-se no grupo social, pressupondo compromisso, no qual direitos e deveres estão presentes. Para Boff (2000, p.12), “não habitamos o mundo somente através do trabalho, mas fundamentalmente através do cuidado e da amorosidade”. É aqui que aparece o humano do ser humano. No documento “Uma Concepção de Voluntariado para a UNISINOS” (2002, p.20), encontramos a afirmação de que a formação da solidariedade tem no voluntariado, o seu caminho pedagógico.

b) De interesses pessoais: dizem respeito à pessoa humana, como individualidade. Foram citados: “uma forma de ter um trabalho”; “para limpar a consciência”; “para projeção social”; “para descontar no Imposto de Renda”. Nesse grupo de motivos, podemos verificar que não temos a presença de uma preocupação com o outro. O individualismo prepondera numa visão de que o importante é ter satisfeitas as necessidades oriundas do interesse meramente individual. O que importa é o “eu”, como centro e para o qual devem convergir os benefícios provenientes de sua ação junto a determinado grupo social. Tendo esse aspecto como premissa, a decorrência lógica é um não-comprometimento com as questões que dizem respeito ao social. Uma visão hedonista caracteriza a ação, e a esfera do público fica prejudicada pela ausência da política no espaço que lhe é próprio.

O tipo de compromisso a ser assumido com a ação voluntária está vinculado aos motivos e estímulos que desencadearam a ação. As entrevistas indicaram que os alunos que procuram os programas, projetos e serviços para o exercício do voluntariado, o fazem

com o intuito de atender a uma necessidade de caráter pessoal, cuja característica é o individualismo, e não o sentimento de solidariedade.

(...) “Temos dificuldades para que as alunas façam um projeto e o assumam. Parece meio paradoxal, mas há alunas que permanecem até dois anos. Cria-se uma expectativa com as crianças e o aluno desiste e, então, isso para mim é falta de responsabilidade. Pelo menos que o aluno se despeça das pessoas e diga do porquê aos coordenadores, porque isso é uma falta de respeito com os usuários do serviço.” (CAC)

(...) “Três ou quatro que nos procuraram para trabalhar voluntariamente em nome de fazer novas aprendizagens, conhecer o trabalho ou, quem sabe, futuramente acabarem fazendo seu trabalho de conclusão. Vieram em nome de um conhecimento e a gente acatou, acolheu, orientou, incluiu no grupo e não foram boas experiências.” (CAC)

(...) Um dos conceitos básicos nossos é a inserção comunitária, então isso faz com que a gente assuma compromisso com eles. Os voluntários não chegaram nem perto de assumir esse compromisso.” (CAC)

Os posicionamentos manifestados no mundo das aparências são o resultado de uma metabolização que ocorre no interior do “ser”, cujos elementos químicos são os aspectos emocionais, afetivos, psicológicos e racionais que expressam a condição humana. Tais elementos participam com percentuais, em proporção diferente para cada ser humano, uma vez que eles dizem respeito à individualidade, singularidade e pluralidade que compõem a sua unicidade.

Ao emitirem um juízo de valor com referência ao grau de importância do compromisso demonstrado pelos alunos em experiências de participação voluntária nos programas, projetos e serviços, os entrevistados o fazem da perspectiva dos objetivos dessas atividades comunitárias, do conteúdo teleológico de que elas são portadoras e do respeito devido aos seres humanos que são atingidos direta ou indiretamente pelas ações desencadeadas.

Como a ação exercida pelo ser humano não se extingue no tempo, pois ela projeta reflexos que atingem outros seres humanos, pertencentes a um determinado grupo social, procedente de sua natureza pública as conseqüências que dela decorrem se caracterizarão como testemunho e como comprometimento de “estar com”, ou como inconstantes, ou denotando utilitarismo. Para Arendt, “a ação atua sobre seres que também são capazes de agir, a reação, além de ser uma resposta é sempre uma nova ação com poder próprio de atingir e afetar os outros” (2001, p.203). Dessa forma, a reação estará como possibilidade, a princípio, ligada intrinsecamente à ação inicial.

No documento “Uma concepção de voluntariado para a UNISINOS” (2002, p.1), encontramos que “a prática do voluntariado é reconhecidamente expressa pela vontade pessoal ou coletiva em ajudar, de maneira que, com uma determinada ação se fortaleça um outro: o sujeito de ajuda”. Partindo dessa definição, temos o compromisso como um elemento fundante dessa vontade.

Visto sob o enfoque do discurso dos documentos orientadores, é possível

efetuarmos alguns questionamentos. Considerando a afirmação de Kolbenbach (2001, p.24) de que “o critério real de nossas universidades jesuíticas consiste no que nossos alunos se tornam”, cabe proceder uma análise sobre as implicações que são advindas desse “não-compromisso”, apontado pelas entrevistas com a idéia de que os alunos devem ser, em potencial, os desencadeadores, como cidadãos e sujeitos históricos, dos processos de transformação na sociedade.

Considerando que as experiências com voluntariado restringem-se à extensão universitária por meio de programas, projetos e serviços e que o percentual, já visto anteriormente, de 0,08% sobre um universo de 31.130 alunos é significativamente minoritário, julgamos estar diante de um dado significativo que merece um repensar entre o conteúdo do discurso orientador e a realidade apontada pelo discurso dos entrevistados.

4.3 Voluntariado: Substituição do Trabalho ou Ação Política?

A preocupação com a possibilidade de que o voluntariado possa substituir postos de trabalho formal fica evidenciado nas entrevistas.

(...) “Agora, num país que não tem pleno emprego, o voluntariado substitui a mão-de-obra, inclusive, a qualificada, porque também é verdade que não se tem cuidado de que aquela mão-de-obra seja realmente qualificada para aquela ação.” (CAC)

(...) Nos últimos anos, se tem visto o crescimento do trabalho voluntário, e isso me fez questionar como o fantasma do voluntariado se encontra para a profissão.” (CAC)

(...) “Eu tenho mais claro que o voluntariado ou o trabalho voluntário é mau, é uma coisa extremamente ruim, porque ele mascara a responsabilidade do Estado. Outra questão é a de desprofissionalizar. (CAC)

(...) Bom e aí, como ficam os postos de trabalho? Eles reduzem, eles não aumentam, os postos de trabalho das áreas onde os voluntários atuam, ficam fechados para os trabalhadores e abertos para os voluntários.” (CCG)

Essas proposições podem ser entendidas como uma percepção das transformações pelas quais passam as relações de trabalho na atualidade.

O poder imperial exercido por um mercado, que desconhece fronteiras, cuja abrangência é global, trouxe, como um de seus reflexos mais aviltantes, a descartabilidade do modo do emprego formal.

Os avanços da tecnologia e da informática, ao mesmo tempo que aumentaram a produtividade e o ganho financeiro, geraram, na outra extremidade, o desemprego. Com isso, postos de empregos foram fechados, principalmente, nos países chamados “em desenvolvimento” ou “emergentes” ou “situados ao sul”, em que direitos trabalhistas já adquiridos, com legislação de cunho social, foram sendo subtraídos, de forma gradativa e constante, em nome da necessidade de desregulamentação, na perspectiva do capital. A consequência é a precarização das condições de trabalho.

A substituição da mão-de-obra qualificada está ocorrendo por meio de uma tecnologia com alta capacidade de resolução que a informática lhe aporta. Em se tratando de lucratividade, isso equivaleria dizer menos trabalhadores e encargos sociais e, conseqüentemente, maior rentabilidade, aliada a uma eficiência quanto ao processo e eficácia no resultado, cujos riscos tendem a se tornar inferiores se comparados com o desempenho do ser humano, seguindo uma lógica do capital de busca da chamada qualidade total. Essa mão-de-obra tem sido absorvida, parcialmente, pelas terceirizações e, em algumas situações, quarteirizações, com uma elevada carga de trabalho, salários menores e menos benefícios sociais. Isso quer dizer que a massa de trabalhadores está empobrecendo e ficando à margem de uma economia de mercado, pois tem seu poder aquisitivo diminuído sensivelmente. Junto a esse contingente, existe outro, em não menos precárias condições, que se volta para a economia informal como forma de sobrevivência.

Assim, os problemas que envolvem “o emprego” são de ordem estrutural, pois eles não se restringem tão somente a equipamentos de alta complexidade, mas também ao componente educação e formação profissional para fazer frente às exigências das áreas tecnológicas e da informação.

A substituição nos postos de trabalho, de profissionais melhores qualificados por profissionais não tão bem qualificados, mas cujo custo para a empresa é sensivelmente inferior, é outra lógica que está presente no mundo do trabalho. Esse é outro aspecto que se insere dentro de uma questão estrutural, presente na economia global e globalizante em que há perdas significativas de postos de emprego formal, assalariado, o que não significa diminuição do trabalho.

A exclusão social originada dessa realidade gerou uma aproximação maior entre os seres humanos. A solidariedade como expressão de preocupação para com o outro, torna-se preponderante como um elemento de interação entre aqueles que foram marginalizados pelo mercado e aqueles que querem transformar essa realidade.

O final do século XX e o limiar do século XXI assistem à sistematização da ação solidária, presente desde os primórdios, na vida do ser humano, por meio do voluntariado. Nesse sentido, o voluntariado é o resultado da ação voluntária, como uma expressão do exercício de liberdade do ser humano. Estamos diante de uma nova categoria que reúne algumas características quer do "homo faber", quer do "animal laborans". Do "homo faber", vem a mundialidade e o conceito de instrumento e do "animal laborans", a compreensão daquilo que significa, que está inserido, na ação voltada a um objeto que coloca o homem como fim.

O voluntariado apresentou-se no mundo das aparências como a personificação da ação do ser-sujeito e que tem, na solidariedade, o elemento de mediação com os demais seres humanos.

Podemos verificar, outrossim, que a ação, como expressão de solidariedade se fez presente ao longo da história da humanidade. Essa ação, não sistemática, portanto sazonal, vai, ao final do século XX e início do século XXI, estar baseada no comprometimento de grupos de indivíduos, que se organizam, neste mundo globalizado, em espaços diversos, abrangendo as mais diferentes culturas, alargando fronteiras dentro de um

tempo real, atendendo às mais diferentes necessidades do ser humano. É o ser humano como sujeito e objeto em sua relação de interação com os demais seres-sujeitos.

Uma das características do voluntariado é a gratuidade que o ser-sujeito empresta a esta ação. O seu valor de troca não faz parte do mercado de capital, uma vez que o bem que ele busca é a vida do ser, e não a produção como tal. Esta ação baseia-se em uma solidariedade que faz com que identifiquemos no outro o ser, que é indivíduo e sujeito, merecedor de usufruir dos bens que, pela sua dignidade humana, lhe competem. É a busca do bem para o outro como outro, desvinculado de uma razão utilitarista. Assim sendo, o voluntariado poderá conduzir o ser humano a um processo de libertação diante da prevalência do mercado, na vida do "homo faber", ou reforçar a estranheza do ser humano diante de sua própria condição humana.

Todavia, no ser humano, está presente a contínua tensão entre querer e não-querer, além de seus desejos, suas emoções e a racionalidade como elementos constituintes de como se processa o conhecimento que terá da realidade. Considerando essa realidade da condição humana, teremos motivos diferenciados que conduzem a uma ação solidária voluntária. Para Melucci (2001, p.118), a ação solidária pode decorrer de um “recrutamento e profissionalização das novas elites”; de uma “gratificação psicológica e social”; de um “processo de alargamento dos canais de participação”; de um “controle social” e de um “processo de mudança”.

Os entrevistados também expressaram-se criticamente com relação ao voluntariado. Podemos observar que as críticas estão nos campos das motivações

apresentadas por Melucci (2001).

(...) “Eu acho que o voluntariado tem por trás a classe dominante que vive de um tipo de relação, de um tipo de sociabilidade demarcada pela sutileza, cada vez mais profunda, na minha compreensão.” (CAC)

(...) “Vivemos num país em que as políticas sociais não atendem às necessidades básicas das populações e as passam para o voluntariado.” (GAS)

(...) Um outro problema que vejo é o descompromissamento.” “Agora, essa coisa de voluntariado massificado, esse chamamento, eu vejo isso como uma exploração das consciências das pessoas.” (CAC)

Entretanto, as críticas apontadas nas entrevistas não se restringem apenas a aspectos negativos. A dualidade no pensamento é decorrente da pluralidade existente e manifestada na UNISINOS, pelos entrevistados, desde o entendimento sobre o voluntariado.

(...) “Ele vai atuar profissionalmente dentro da instituição regulamentada, mas sempre o ser humano pode exercer o voluntariado.” (GAS)

O discurso contido nas entrevistas aponta para a afirmação presente no documento “Uma concepção de voluntariado para a UNISINOS” (2001, p.5), quando expressa que

a questão do voluntariado envolve, do ponto de vista de sua tematização e proposição de ações, necessidade de definir aprofundadamente suas relações com o Estado, com a Sociedade Civil e com a construção de uma ética pautada numa solidariedade crítica que contemple as contribuições de indivíduos e coletivos para a construção de uma sociedade justa.

A Universidade, pela sua natureza, como instituição voltada para a produção do saber científico, não descuidando dos outros saberes gerados empiricamente nas comunidades, responsável pela disseminação desses mesmos saberes para que ocorra o empoderamento dos cidadãos mediante a apropriação do conhecimento, por ocupar um espaço que é público, torna-se o lugar, por excelência, onde a tematização e proposição de ações podem constituir, em seu contributo para a sociedade. Isso implica discutir, também, se o voluntariado constitui-se, para a sociedade, em uma substituição do emprego formal.

Outro entendimento que está expresso nas entrevistas sobre o voluntariado é aquele que o entende como uma ação política.

(...) “Então, embora preparemos homens profissionais que atuam dentro da sociedade organizada, sempre resta um espaço para o exercício do voluntariado.” (GAS)

(...) “Se nós conseguirmos conscientizar os alunos, mostrando-lhes a realidade, eles participando da realidade da nossa sociedade, do nosso País, poderão, como dirigentes conscientes porque aqui está a camada que vai dirigir este País -, resolver o problema do País erradicando a pobreza, e esses projetos acabarão.” (GAS)

(...) “Entendemos que o trabalho voluntário deve inserir-se num projeto, não pode ser um trabalho meramente individual, para evitar o risco de buscar a satisfação de

interesses pessoais. Deve estar ligado a um projeto, organizado e planejado para não cair num novo assistencialismo.” (CAC)

(...) A ética que a gente tenta trabalhar com elas é a importância da militância que tem a defesa dos direitos, a formação de um protagonismo responsável, que tem uma estratégia, que tem uma proposta e, cada vez mais, procura ler esta realidade na sua complexidade e não na aparência, porque outra questão que, muitas vezes, acompanha a idéia do voluntariado é o reducionismo.” (CAC)

(...) “A gente sempre chama a atenção disso, o voluntário que tenha o perfil, não de ser mais uma mão-de-obra para suprir as carências, mas ser alguém que, com uma experiência, sua experiência ou até tendo contato com outras experiências, criando aí um espaço de diálogo diferente, mas que possa contribuir com esse aumento de consciência.” (CCG)

(...) “O que eu acredito, sim, é uma discussão de pessoas que estão disponíveis a contribuir para algum tipo de causa social, e essas pessoas tenham uma proposta voltada para uma mudança social.” (CCG)

O voluntariado relacionado intimamente com a ação é uma das três atividades humanas fundamentais que Arendt (2001, p.15) diz ser constitutiva da expressão por ela denominada de *vida activa*.

Pelo fato de viverem em um espaço geográfico, de precisar viver em sociedade

como decorrência de sua condição humana, o ser humano necessita comunicar-se com os demais seres humanos. É um processo contínuo de construir e autoconstruir-se; conhecer e autoconhecer-se; de afetar e ser afetado em uma relação em que, segundo Mariotti (2000, p.27), é o outro que confirma a nossa existência, e a recíproca é verdadeira. A mediação desse processo é realizada pela ação e que vai caracterizar a política.

O voluntariado, por meio da ação política, tem a possibilidade de operar as transformações estruturais necessárias para que os menos favorecidos, os excluídos, representados pelas diferentes minorias, os que são atingidos pelas injustiças sociais tenham sua dignidade humana restituída. O desafio que se estabelece para o ser humano é o de, incessantemente, buscar construir um mundo onde a dignidade humana seja preservada. Aqui estamos diante do princípio da justiça.

Buscar a justiça na ação política significa ter presente os dois princípios referenciados por Rawls (2000, p.144-45):

- (1) Cada pessoa tem um direito igual a um sistema plenamente adequado de liberdades básicas iguais para todos, que seja compatível com um mesmo sistema de liberdades para todos.
- (2) As liberdades sociais e econômicas devem satisfazer a duas condições:
 - (a) elas devem primeiro ser ligadas a funções a posições abertas a todos, em condições justas (fair) igualdade de oportunidades e
 - (b) devem proporcionar o maior benefício aos membros mais desfavorecidos da sociedade.

Isso significa tratar os desiguais de forma desigual, aplicando-se o princípio da subsidiaridade.

Segundo Kolvenbach, Padre Geral da Companhia de Jesus, “o tema da justiça

em uma universidade jesuítica não é um agregado extra-acadêmico, ou um slogan, mas uma dimensão essencial da missão da Companhia” (2001, p.4).

O voluntariado também como ação política privilegia o empoderamento da comunidade. E, por estarmos falando de uma universidade, o empoderamento dá-se pelo conhecimento, o qual na expressão de Santos deve ser um “conhecimento-emancipação” (2000, p.7-8).

Santos (2000, p.81) afirma que:

A solidariedade é o conhecimento obtido no processo, sempre inacabado, de nos tornarmos capazes de reciprocidade através da construção e do reconhecimento da intersubjetividade. A ênfase na solidariedade converte a comunidade no campo privilegiado do conhecimento emancipatório.

O voluntariado como expressão de uma solidariedade comprometida com a busca de um projeto, capaz de ser assumido por uma comunidade como proposta operacional e como referencial simbólico de sua subjetividade, força viva de sua diversidade cultural, pode constituir-se em uma ação política, por excelência. No dizer de Santos (2000, p.108), “a solidariedade enquanto forma de conhecimento é a condição necessária de solidariedade enquanto prática política”.

Formar uma rede, cuja matéria prima é o conjunto representado pela ética, pela justiça, pelo conhecimento e pela solidariedade, permeando o tecido social, é um desafio e uma utopia para a sociedade da contemporaneidade.

Considerando os documentos orientadores da Companhia de Jesus e da UNISINOS, quando afirmam que a solidariedade inteligente está assentada no conhecimento que conduz à transformação (Monroy, 2003), que são, entre outras, (Neutzling et alii., 2002) características que diferenciam um meio universitário e jesuíta, e um voluntariado que torna as pessoas beneficiadas protagonistas do processo, despertando a consciência cidadã, e assumido pelos voluntários como projeto coletivo, e não como opção individual, verificamos que eles sinalizam para um voluntariado como ação política.

4.4 Orientação Institucional e Compromisso da Universidade com Relação ao Voluntariado

As entrevistas apontam para a necessidade de haver, institucionalmente, uma política para o voluntariado tanto por parte dos coordenadores de ações comunitárias como pelos coordenadores de curso. O representante da administração superior não diz da existência de uma política. Sua argumentação está centrada na preocupação de que os projetos sociais não sejam assistencialistas e de que a realidade social chegue à sala de aula.

(...) “A gente está procurando desenvolver voluntariado aqui, zelando para que os projetos sociais não sejam assistencialistas e que possam ser uma ferramenta para tornar o nosso aluno cidadão e passar para ele a mentalidade de que ele pode ser um agente transformador dessa sociedade. É interessante, também, o aspecto do professor, este também tem contato e é a Pró-Reitoria que tem a preocupação de fazer com que isso chegue dentro da sala de aula. Todos esses projetos têm professores. Então, isso tem como fazer seminários em sala de aula, incentivar para que os alunos conheçam esses projetos.” (GAS)

(...) “O trabalho voluntário não se insere no currículo. O que há são atividades complementares. O que há é a discussão de que seja o trabalho voluntário integrado.” (CAC)

(...) Nós não temos uma política estruturada. Eu também não conheço que política é essa com clareza dentro da Universidade, porque se é como oportunidade de inserção social, é possível, porque é uma Universidade que não está de costas para o mundo. Agora, se é dessa forma, ninguém me disse que seja, nós vamos pegar o nosso aluno e fazê-lo voluntário, dessa forma já resolvemos as horas voluntárias, resolvemos o estágio curricular, resolvemos o problema da escola. Mas a Universidade fomenta o voluntariado? Eu não percebo que ela fomenta. Aqui não chega, nem nos dois cursos.” (CAC)

(...) “Se o curso incentiva? Eu diria assim: com os alunos da Psicologia, a gente vê isso até pelo número de alunos que estão desenvolvendo algum tipo de estágio voluntário. Eles buscam muito isso. Hoje até com idéia de complementação da sua formação. Eles acreditam que desenvolvendo atividades voluntárias, podem agregar valor e experiência que só dentro do curso de graduação eles não teriam.” (CCG)

(...) “Bom, o nosso curso ainda não tem nada oficial de incentivo ao trabalho voluntário. O curso de Pedagogia tem levantado, tem discutido essa questão, mas ainda não faz o trabalho de incentivo especificamente ao trabalho voluntário.” (CCG)

(...) “Incentivo ao voluntariado no curso não tem. Eu não vejo esse discutir, porque é algo que está na atualidade e então se discute em determinadas disciplinas que têm

com os alunos, que têm uma proposta de discutir questões contemporâneas . Enfim, se trabalha mais nisso, mas não há incentivo.” (CCG)

(...) “Em si nós não temos uma disciplina específica, mas as disciplinas que compõem a formação dele (o curso). Ele sim, incentiva. Eu acredito que, principalmente as disciplinas de orientação, de formação humanística, orientação cristã, elas dão, acho, o 'pontapé inicial', como se diz, e ao longo do curso, várias vezes a gente toca nessa questão de solidariedade, da importância de pessoas que precisam de grupos de voluntários. Acho que onde o nosso aluno, digamos, é incentivado e se depara diretamente com uma necessidade de voluntariado é nas disciplinas práticas, onde ele realmente entra em contato, assim, com a vida real, com a vida como ela é, e aí por si só, eu acredito que isso é um início dele pelo menos começar a pensar em trabalho voluntário.” (CCG)

(...) “A Universidade deveria divulgar e incentivar mais o trabalho social que está realizando, de maneira criativa. Isso despertaria mais as pessoas para o engajamento. Há muitas atividades sendo executadas, mas, às vezes, não são divulgadas de forma adequada.” (CAC)

O compromisso da Universidade com o voluntariado expresso nas entrevistas mostra que não há uma representação social consensual na UNISINOS, sobre o voluntariado, considerando o discurso apresentado. Segundo Cardoso, (2000, p.85), “a noção de representação social pressupõe a idéia de um modo particular de conhecimento real, compartilhado por uma comunidade de indivíduos, ou seja, o modo de conhecimento é construído de maneira coletiva”. A representação social, constituindo-se coletivamente, vai

ensejar que ação e comunicação desenvolvam-se de forma harmoniosa, evitando rupturas que possam comprometer a operacionalização das ações. A reciprocidade passa a ser o elemento de mediação entre as subjetividades.

(...) “Há tantas coisas que se faz e que servem para a formação do ser humano. Eu acho que têm muitas atividades voltadas para isso.” (GAS)

(...) “A gente está procurando desenvolver o voluntariado aqui, zelando para que os projetos sociais não sejam assistencialistas e que possam ser uma ferramenta para tornar o nosso aluno cidadão e passar para ele a mentalidade de que ele pode ser um grande transformador dessa sociedade.” (GAS)

(...) “A Universidade não é um órgão assistencial. Na verdade, o que nós estamos fazendo nas vilas é minimizar um problema que é decorrência de uma má distribuição de renda. Eu vejo o voluntariado como uma perspectiva muito boa de fazer com que a Missão da Universidade possa realmente ser cumprida, no sentido de que o aluno, por meio do voluntariado, possa conhecer melhor o aspecto da sociedade menos favorecida do Estado, aqui da região, das cidades.” (GAS)

(...) “Eu dei uma lida no Programa Solidário Ser da PROCEX (Pró-Reitoria Comunitária e de Extensão) e acho que ele até aponta para a crítica. Agora, o desafio é se manter nesse processo e nesse contexto. Acho que ele tem no seu bojo uma intenção numa linha crítica. Mas, se consegue mesmo, se faz essa leitura, a gente só vai saber no processo, no desenrolar da caminhada. Eu vejo a Universidade como um ator passivo neste processo. Eu

acho que ela poderia utilizar muito mais a sua força da ciência como mais uma alavanca de denúncia dessa exclusão, dessa injustiça e de proposição. Ela se constitui muito pouco em estratégia de empoderamento para a população.” (CAC)

(...) “A própria Universidade não sabe ou não tem claros os seus projetos sociais, implicando também, o entendimento de extensão. A Extensão tem que se mostrar e discutir o que é mesmo fazer extensão; qual o vínculo com ensino e pesquisa o que não existe na prática. Há diversas formas de levar a extensão à comunidade. Nós não somos ONG, nem Estado. Somos uma instituição de formação.” (CAC)

(...) “O que eu percebo, nas disciplinas por onde transito, nas reuniões de que participo e pelas ementas que tomo conhecimento e que ajudei a formular, percebo nesses dois cursos e também, posso dizer, que percebo em toda a Universidade é que a formação, na UNISINOS, é crítica, é uma formação crítico-humanística, mas crítica. Então eu acredito que, naquilo que corresponde ou depende do currículo, de certa forma, há uma preparação do aluno, para além do conhecimento acadêmico puro, porque oportuniza, de diferentes formas, muita inserção na comunidade, inclusive a voluntária. Pensando assim, se é uma Universidade compromissada com inserção social, e ela não dá conta de botar seus trinta mil alunos em programas de extensão, ela não dá conta de botar seus trinta mil alunos em bolsas de iniciação científica, que é uma outra forma, também, de aproximar, então ela oferece uma terceira via, uma terceira forma, que é o voluntariado.” (CAC)

Constatamos que os documentos da Companhia de Jesus, da AUSJAL e da UNISINOS, como discurso, indicam orientações e compromissos institucionais voltados para

o voluntariado, alicerçados no princípio da solidariedade e tendo na experiência o elemento mediador para obter o conhecimento necessário para um agir comprometido socialmente.

Para Kolvenbach (2001, p.46), “a crescente tomada de consciência das dimensões do fenômeno da globalização, a tensão entre o global e o local, a emergência da sociedade civil... constituem oportunidades e ameaças que a universidade não pode deixar ao largo”. Essa orientação trata-se de um posicionamento que é reafirmado em outras oportunidades, sobre a necessidade de buscar conhecer, interpretar a realidade, para então, propor as ações dotadas de “potencialidades de solução”. Assim temos, ainda, de acordo com Kolvenbach (2001, p.30) que “cada academia jesuítica de aprendizagem superior está chamada a viver numa realidade social (...) e para ela, aplicar nela a inteligência universitária e usar a influência da universidade para transformá-la”.

O documento “Uma concepção de voluntariado para a UNISINOS”, destaca Linhas de Pesquisa e de Interesse Social, como:

... estratégias institucionais que permitem realizar uma leitura crítica e propositiva da realidade que fomenta a própria produção de conhecimento, oferecendo possibilidades de dar conta dos problemas que a universidade reconhece como lugar possível de ações cooperativas e de intervenções orientadoras.

(...)

O voluntariado insere-se nesse contexto de produção de conhecimento crítico e propositivo com vistas à transformação da sociedade (2002, p.19).

O mesmo documento considera que “o voluntariado torna-se, assim, um caminho pedagógico de formação para a solidariedade”.

Se, por um aspecto detectamos a existência de orientações e de compromisso

para com a sociedade, segundo uma mesma representação da realidade social, o mesmo não aparece nas entrevistas, nas quais o discurso expressa a dificuldade de que os entrevistados se ressentem pela falta de uma orientação que se configure em uma ação operativa.

Entretanto, encontramos documentos que buscam dar respostas a questões pontuais relacionadas ao voluntariado que são decorrentes de demandas originadas, tanto interna como externamente. Dentre eles, estão a Resolução que cria a oportunidade de estágio discente, Programa de Voluntariado e Uma Concepção de Voluntariado para a UNISINOS.

Paralelamente, desencadeiam-se pesquisas e eventos, com a finalidade de discutir a temática. Tais elementos estão a demonstrar que o tema “voluntariado” está dotado de real significado na UNISINOS. Fazer constar da agenda institucional o referido tema, diz da importância e do comprometimento institucional que ao voluntariado estão associados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Exatamente porque gera, revela, tira do silêncio, a ação voluntária, quando não responde a necessidades de tranquilização, ou como função de protesto social, é um componente vital do processo de renovação de uma “sociedade civil” digna deste nome: *civitas* pública e individual ao mesmo tempo, capaz de colocar a diferença e de reforçar a solidariedade.

Alberto Melucci (2001, p.121)

Nas considerações finais retomaremos a questão central levantada no início dessa pesquisa. A proposta era saber qual o discurso da Universidade do Rio dos Sinos sobre o voluntariado.

Centramos a análise teórica nos estudos de autores, que buscaram compreender a complexidade que a ação humana encerra. As motivações dessa escolha estão amparadas no fundamento de que a instituição, objeto dessa pesquisa, tem como função primordial a educação, além de os documentos orientadores apontarem a experiência como a grande propulsora para a ação.

A ação necessita do discurso para revelar-se, para dizer “quem é”. Será a palavra falada o meio pelo qual se identifica o autor da ação e com isso ele se anuncia ao mundo dizendo “o que fez, faz e pretende fazer” (Arendt, 2001, p.191).

E, é desta relação do discurso como ação, capaz de desencadear outras ações ou reações que os sujeitos constroem-se a si próprios, interagem com os demais seres humanos e com o meio em que vivem, criando códigos simbólicos, culturais, os quais singularizam e identificam grupos sociais ou determinadas sociedades.

A opção foi identificar o discurso, porquanto, nossa pesquisa não tinha o propósito de verificar as repercussões que ações comunitárias institucionais geram na comunidade.

O documento “Uma Concepção de Voluntariado para a UNISINOS” constitui-se no resultado do trabalho de um grupo de pessoas, as quais estavam estudando, pesquisando e/ou tentando compreender a dimensão do voluntariado para a sociedade da contemporaneidade. Ele apresenta um entendimento sobre o voluntariado, considerando a UNISINOS, como instituição voltada para a educação, de inspiração cristã, pertencente à Companhia de Jesus, comprometida com as questões sociais de seu tempo.

Até o momento dessa pesquisa, não tínhamos conhecimento de que essa ação houvesse sido desencadeada, ficando uma indagação das razões pelas quais o processo de discussão sobre o voluntariado não foi iniciado. O discurso constante dos documentos orientadores são unânimes em afirmar a necessidade da experiência, do conhecimento da realidade por parte dos alunos para que, sensibilizados pelo sofrimento dos que mais necessitam, possam colocar-se em ação na busca de alternativas humanizadoras para as injustiças sociais de nossa sociedade.

Paralelamente, os documentos anunciam que a universidade é o lugar onde os temas que angustiam a pessoa humana e a sociedade devem ser discutidos, aprofundados para, então, soluções serem propostas.

A segunda consideração está associada à relação entre os discursos das diferentes fontes documentais e o presente nas entrevistas.

Os documentos orientadores afirmam a necessidade do envolvimento direto, por parte do aluno, “com o sofrimento inocente”. Apontam, para que isso possa se concretizar, diversos meios dos quais a universidade pode se valer - “variedade de programas e serviços, de extensão, de inserção social e de contatos extracâmpus”.

O relatório de programas, projetos e serviços apresenta a extensão universitária, sob a forma de estágio, como a única opção de inserção oportunizada. Além disso, informa que, em 2001, o percentual de alunos que vivenciaram a experiência foi de 0,26% do universo de alunos matriculados – 31.130.

A terceira consideração está associada a dois questionamentos que se apresentam como fundamentais no discurso orientador: 1) Para que sociedade formamos? 2) Que tipo de pessoa formamos?

Fontes documentais mostram que é, na extensão universitária, nos programas, projetos e/ou serviços, o único lugar onde são encontradas indicações para o exercício da ação voluntária. A forma como o voluntariado poderá ocorrer é por meio do estágio.

Constrastando com essa informação, apontada nos relatórios de 2001, está a afirmação dos documentos orientadores, os quais registram o voluntariado como “um meio privilegiado para educar para a globalização da solidariedade”, que “o engajamento em causas

sociais durante a formação pode ajudar a consciência” e que a “formação universitária da nova geração” deve ater-se não só ao exercício profissional, mas também ao sentido público e social que tanto o exercício da profissão como a ação do sujeito tem para a sociedade.

Como quarta consideração, a pesquisa propiciou verificar que os programas, projetos e/ou serviços não indicam para uma discussão acerca do voluntariado com os alunos. As entrevistas, tanto com os coordenadores das ações comunitárias como com os dos cursos de graduação, preponderantemente, demonstram que esta temática não está na pauta das discussões.

A pesquisa também apontou que há necessidade de a UNISINOS publicizar a sua política com relação ao voluntariado, constituindo-se em outra consideração relevante. Essa necessidade está representada nas entrevistas por expressões como: “não temos uma política estruturada”.

A par dessas considerações, julgamos oportuno tecer alguns esclarecimentos.

O primeiro esclarecimento está relacionado ao tempo real em que diferentes propostas e normatizações foram implantadas. Isso decorre do fato de que, no cotidiano, não temos uma linearidade, pois estamos tratando de uma instituição que tem vida ativa, sofre os impactos da cultura da sociedade em que está inserida e, além disso, o cotidiano é iminentemente pragmático. Diferentes formas de intercâmbio são estabelecidas, a cada momento, na interação entre as pessoas humanas que constituem tanto a comunidade interna como a comunidade externa, assim como as representações presentes.

A pesquisa apontou para outros aspectos que se voltam para as dimensões individual/pessoal, as quais estão situadas na esfera da subjetividade e dizem da pluralidade que nasce de sua condição humana, e para a dimensão do coletivo.

As respostas aos objetivos específicos conduziram à compreensão de como se apresenta, na UNISINOS, o discurso sobre o voluntariado. O discurso contido nas fontes secundárias (documentos) e aquele expresso pelas fontes primárias (entrevistas) sinalizam peculiaridades que consideramos como sendo características dessa compreensão no momento dessa pesquisa.

As fontes documentais representadas pelos documentos orientadores sinalizam para um discurso centrado na necessidade de um conhecimento da realidade, de uma experiência vivenciada de onde emerge a ação solidária como sustentáculo de um voluntariado crítico, comprometido com a busca de alternativas que comportem indicações para a ruptura de uma estrutura social injusta e que avilta a dignidade humana. Nesse contexto, a Universidade constitui-se em mediadora da sociedade, tornando-se o lugar de discussão e produção de conhecimento, capaz de auxiliar as comunidades na apreensão de um empoderamento que as conduza à emancipação.

O discurso contido nos relatórios dos programas, projetos e serviços de ação comunitária, cujo caráter é ser extensionista, entende a Universidade, como o espaço da consolidação do conhecimento, gerado pelas funções de ensino, pesquisa e extensão, com a preocupação de levar alternativas para as comunidades menos favorecidas, visando a atenuar

problemas nas áreas de educação e saúde, principalmente, além de assessorar grupos sociais em busca de uma cidadania emancipatória. Os espaços de estágios constituem-se nas possibilidades institucionais oferecidas para que ocorra a experiência, anunciada nos documentos orientadores.

O discurso contido nas fontes primárias, ou seja, nas entrevistas, mostram a pluralidade de que se revestem as manifestações ao mesmo tempo que demonstram a falta de uma representação social para operar o voluntariado na instituição.

Considerando essa compreensão demonstrada pela pesquisa, sugerimos algumas propostas, no intuito de auxiliar na construção de um discurso que seja representativo para a comunidade da UNISINOS e de seu entendimento sobre o voluntariado desde o discurso presente nas diferentes fontes que compõem pilares de sustentação para uma argumentação que busca propiciar condições para a formação de seres humanos, capazes de uma ação solidária transformadora, centrada na busca da justiça.

Diante das considerações apresentadas, propomos:

1) Publicização e discussão, do documento “Uma Concepção de Voluntariado para a UNISINOS”, tanto em profundidade como em extensão, para a comunidade acadêmica..

Essa proposta possibilitaria à comunidade acadêmica apropriar-se do discurso que ali se encontra, para, assim, conhecer os princípios institucionais eleitos com a finalidade

de expor um entendimento com referência ao voluntariado para a UNISINOS.

O estudo e a análise do referido documento suscitaria equacionar, conceitos teóricos que, pela sua amplitude, suas características e suas implicações, revestem-se de grande complexidade. Entre eles estão: 1) o de Estado-nação e sociedade civil com a conseqüente correlação entre ambos; 2) voluntariado e, em especial, as funções e motivações que a ele estão associadas; 3) experiência e ação; 4) sujeito e subjetividade; 5) participação cidadã; 6) justiça; 7) política; 8) espaço público.

2) A construção de uma política centrada no tema “voluntariado”, com diretrizes claras e objetivas de como o tema possa ser tratado pelas funções ensino, pesquisa e extensão.

Como instituição de ensino superior, que tem na educação o seu foco e no desenvolvimento integral da pessoa humana, a sua missão, considerando a sua função social, está a exigir uma definição que sinalize para uma unidade na diversidade das ações de que os diferentes segmentos da UNISINOS são capazes de gerar e de propor para o que está apresentado em abstrato, formalmente nos documentos orientadores, adquira a substantividade, no mundo da imanência.

O discurso, como expressão de uma vontade livre e consciente, apresenta-se dotado de uma integralidade enquanto a ação, representação concreta, sofre, no mundo das aparências, as influências de outras manifestações e, por esta razão, ela torna-se relativa. Disso resulta que, entre discurso e ação, acatando o mesmo sujeito, haja uma certa distância,

ou em outras palavras, que a correspondência entre ambos não ocorre de forma linear e biunívoca.

Portanto, no cotidiano, vamos nos deparar com uma constante tensão entre discurso e ação. A tensão será em grau maior ou menor, menos ou mais intensa, podendo ou não gerar conflitos, dependendo de como forem geradas, construídas e produzidas as relações, interações e integrações na esfera do espaço público sob a mediação da política. Nessa pesquisa, isso está demonstrado na análise realizada nos programas projetos e serviços, assim como as entrevistas em uma análise comparativa ao discurso encontrado nos documentos orientadores oriundos de diferentes segmentos da Companhia de Jesus e aqueles cujo nascedouro está na UNISINOS

A harmonia entre o discurso e a ação estará representada, em cada comunidade ou grupo social, pelos códigos simbólicos que traduzirão para o coletivo a pluralidade e a singularidade; a racionalidade e a afetividade; o conhecimento e a subjetividade; o teórico-científico e o pragmático que dizem do “ser”.

A ação solidária, eixo sobre o qual se funda o voluntariado, atua no tecido social formando uma rede cujas características estão assentadas na ética e na justiça, tendo nos nós a força que emerge da sinergia gerada pela confiança, responsabilidade e alteridade em que a magia que envolve a cumplicidade estabelecida entre os sujeitos, possibilita a concretização dos objetivos definidos, transformando-se num continuum devir de esperança.

Portanto, a abordagem desse tema não se esgota nessa pesquisa e outras

poderão ser desencadeadas, e para dar respostas a indagações, tais como:

1) Que transformações ocorreram a partir das ações comunitárias desenvolvidas junto às comunidades atingidas pelos programas, projetos e serviços do voluntariado?

2) Qual o diferencial apresentado pelo egresso da UNISINOS, considerando-o, em potencial, como capaz de desencadear ações solidárias voltadas para a transformação da sociedade?

3) Em que a formação acadêmica colabora para que o acadêmico se aproprie do conhecimento a partir da concepção de solidariedade crítica e voluntariado inteligente?

Concluindo, consideramos que, vista sob o enfoque substantivo, a solidariedade crítica poderia constituir-se no “terceiro incluído”, ou seja, no elemento que está para além das disciplinas, auxiliando na compreensão da contemporaneidade por meio do voluntariado inteligente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
2. ALVES–MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais – pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. (3. reimpre da 2. ed. 1999).
3. ARENDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 2 v.
4. _____. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
5. _____. *A dignidade da política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.
6. AQUINO, Marcelo. *Visão do debatedor*. In: OSOWSKI, Cecília Irene; BECKER, Lia Bergamo (org). *Visão Inaciana da Educação: desafios hoje*. São Leopoldo: UNISINOS, 1997.
7. AÇÃO COMUNITÁRIA, 2001. São Leopoldo. Relatórios. São Leopoldo: Pró-Reitoria Comunitária e de Extensão, 2001.
8. Asociación de Universidades Confiadas a la Compañía de Jesús en América Latina. *Plan Estratégico: 2001-2005*. Caracas. Texto, 2001.

9. ASSMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. *Competência e Sensibilidade Solidária: Educar para a Esperança*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
10. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
11. BERTRAND, Michèle. *O homem clivado – a crença e o imaginário*. In: SILVEIRA, Paulo; DORAY, Bernard (org). *Elementos para uma teoria marxista da realidade*. São Paulo: Vértice, 1989 (Enciclopédia aberta da psique: 4).
12. BOFF, Leonardo. *Princípio da compaixão e cuidado*. Em colaboração com MÜLLER, Werner. Petrópolis: Vozes, 2000.
13. CARDOSO, Ciro Flamorion, MALERBA, Jurandir (org). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000.
14. CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
15. COMPANHIA DE JESUS. *Características da Educação da Companhia de Jesus*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 1998. Coleção Documenta S.J., n.4.
16. _____. *Decretos da Congregação Geral XXXIV: XV desde a restauração da Companhia*. 1995. São Paulo: Loyola, 1996.

17. _____. *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 1993. Coleção Documenta S.J., n. 4.
18. DE MASI, Domenico. *A sociedade pós-industrial*. São Paulo: SENAC, 1999.
19. DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
20. HELLER, Agnes. *Além da Justiça*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
21. _____. *Ética General*. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1995.
22. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Melo. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: 2001.
23. KOLVENBACH, Peter Hans. *O Serviço da Fé e a Promoção da Justiça na Educação Superior Inaciana*. São Paulo: Edições Loyola, 2001. (Coleção Ignatiana 45).
24. _____. *Os valores que revelam a marca Inaciana*. Especial UNISINOS em Revista. 2001. São Leopoldo: UNISINOS, n.68, encarte, [s.d.].
25. KÜNG, Hans. *Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993.
26. LECHTE, John. *50 Pensadores Contemporâneos Essenciais – do estruturalismo à pós-*

modernidade. 2.ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

27. LIPOVETSKY, Gilles. *El imperio de lo efímero: la moda y su destino em las sociedades modernas*. 5.ed. Barcelona: Anagrama, 1996.

28. LOZANO, Jorge; PEÑA-MARIN, Cristina; ABUL, Gonzalo. *Análise do discurso: por uma semiótica da iniciação textual*. São Paulo: Littera Mundi, 2002.

29. MARIOTTI, Humberto. *As Paixões do Ego: complexidade, política e solidariedade*. São Paulo: Polos Athena, 2000.

30. MARX, K.; ENGELS, F.. *A Ideologia Alemã (I- Feuerbach)*. 10.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

31. MARX, Carlos. *El Capital: Crítica de la Economía Política*. México: Fondo de Cultura Económica, [s.d.].

32. MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.

33. MENESES, Paulo. *Universidade Hoje: compromisso com a Verdade, a Fé e a Justiça*. In: OSOWSKI, Cecília Irene; BECKER, Lia Bérghamo (org). *Visão Inaciana da Educação: desafios hoje*. São Leopoldo: UNISINOS, 1997.

34. MONTEIRO, Luis Gonzaga Mattos. *Neomarxismo: Indivíduo e subjetividade*. São Paulo: EDUC; Florianópolis: EDUSF, 1995.
35. MONROY, Jorge A. Narro. *Solidariedad Inteligente*. In: Reunión del Sector de Pastoral de AUSJAL, 2003, Guadalajara.
36. MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.
37. _____ *O método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
38. NEUTZLING et alii. *Uma Concepção de Voluntariado para a UNISINOS*. São Leopoldo: UNISINOS. 2002.
39. NEUTZLING, Inácio. *Pastoral Popular – fundamentação inaciana*. São Paulo: Loyola, 1991.
40. OIZUMI, Enrique. *Humanismo em la espiritualidad ignaciana*. In: OSWSKI, Cecília Irene; BECKER, Lia Bérghamo (org). *Visão Inaciana da Educação: desafios hoje*. São Leopoldo: UNISINOS, 1997.
41. RAWLS, John. *Justiça e Democracia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
42. RODRIGUES, José Albertino. *Emile Durkheim*. Sociologia. Editora: Ática. [s.d.]

43. SAMPAIO JR., Plínio de Arruda. *Entre a Nação e a Barbárie: Os Dilemas do Capitalismo Dependente*. Editora: Vozes, 1999.
44. SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um Discurso sobre as Ciências*. 12.ed. Porto: Afrontamento, 2001.
45. _____. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000. (v.1).
46. SCHAFF, Adam. *O marxismo e o indivíduo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
47. SEMINÁRIO POR QUE SER VOLUNTÁRIO? - EM BUSCA DA SOLIDARIEDADE CIDADÃ, 2003, São Leopoldo. Relatório. São Leopoldo: Laboratório de Pesquisa sobre Políticas Públicas e Terceiro Setor, 2003.
48. SILVA, Jacqueline Oliveira; MARTINELLI, Thiago. *Motivações e Práticas Voluntárias na UNISINOS: resgate da condição humana ou neo-individualismo?* São Leopoldo: UNISINOS, 2003. Relatório Parcial de Pesquisa.
49. SILVA, Helenice Rodrigues. *A história como a representação do passado: a nova abordagem da historiografia francesa*. In: CARDOSO, Ciro Flamorion, MALERBA, Jurandir (org.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000.

50. TAPIA, Alberto Vásquez. *Universidad e Identidad Ignaciana: elementos y consecuencias*. In: ARISTIMUÑO, Adriana et al.. *Desafíos de las Universidades Jesuitas en América Latina: la identidad ignaciana*. Uruguay: Universidad Católica del Uruguay, 2002.
51. TAPIA, Alberto Vásquez. *Universidad e Identidad Ignaciana: elementos y consecuencias*. In: ARISTIMUÑO et alli. *Desafíos de las Universidades Jesuitas de América Latina: la identidad ignaciana*. Uruguay: Universidad, 2002.
52. TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais – a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
53. TOURAINE, Alain. *O que é a democracia?* 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
54. _____ In: LECHTE, John. *Cinqüenta pensadores contemporâneos essenciais: do estruturalismo à pós-modernidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
55. UGALDE, Luis. *Universidad en América Latina y globalización*. Carta de AUSJAL, s.l.s, n. 12, p. 2-10.
56. ULLMANN, Reinhold; BOHNEN, Aloysio. *O solidarismo*. São Leopoldo: UNISINOS, 1993.
57. UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS. *Missão e Perspectivas: Plano Estratégico, 1999-2004* - São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 1999.

58. _____. Resolução n.002 de 29 de janeiro de 2001. *Criação de oportunidades de estágio discente.*

59. _____. Pró-Reitoria de Ensino e Pesquisa. Diretoria de Pesquisa. Pró-Reitoria Comunitária e de Extensão. Diretoria de Extensão. *Linhas de Pesquisa e de Interesse Social.* São Leopoldo: UNISINOS, 2001.

60. _____. *Planejamento Estratégico.* Projeto Comunidade. Programa de Voluntariado. São Leopoldo: UNISINOS, 2001.

61. VIEIRA, Liszt. *Cidadania e Globalização.* 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

62. WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais.* 2. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos.* 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.